

Ana Lucia Siqueira de Oliveira Nunes

**Festas e Celebrações: um estudo sobre visualidades da escola.**  
Mestrado em Cultura Visual

FAV/UFG  
2005

Ana Lucia Siqueira de Oliveira Nunes

**Festas e Celebrações: um estudo sobre visualidades da escola.**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Cultura Visual, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irene Tourinho e co-orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice de Fátima Martins.

FAV/UFG  
2005

Ana Lucia Siqueira de Oliveira Nunes

**Festas e Celebrações: um estudo sobre visualidades da escola.**

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_,  
pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice de Fátima Martins  
Co-orientadora e Presidente da Banca

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Luis Edegar Costa  
Membro Interno

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucimar Bello Frange  
Membro Externo

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Elízia Borges  
Suplente

Para Gabriel, Renato e Tiago.

## Agradecimentos

À Professora e orientadora desta dissertação, Dr<sup>a</sup> Irene Tourinho, mestra e guia, pela confiança e dedicação.

À Professora Dr<sup>a</sup> Alice Martins, co-orientadora do trabalho, pelo acompanhamento e seriedade com que leu todos os manuscritos.

Ao Sandro pelo amor, companheirismo e tolerância.

A meus Pais pela presença constante, atendendo meus chamados de socorro.

À Anésia, secretária fiel e paciente, principalmente com meus três tesouros.

# Sumário

Resumo .....	i
Abstract .....	ii
Apresentação .....	1
1. Capítulo 1	
1.1. A Escola, a Festa e suas Visualidades .....	
..... 3	
1.2. Contexto da Pesquisa .....	
..... 9	
2. Capítulo 2	
2.1. Escolhas metodológicas .....	15
3. Capítulo 3	
3.1. Descrição das Festas da Escola .....	21
3.2. Festa da Páscoa – Religiosidade e Cidadania .....	23
3.3. Festa das Mães: celebração do núcleo familiar .....	33
3.4. Festa Junina: extrapolando os limites da escola. ....	37
3.5. Festa dos Pais: a celebração (quase) se repete .....	41
4. Capítulo 4	
4.1. Festas e Imagens: vínculos e rupturas entre cotidiano e extraordinário .....	46
4.1.1. Percursos do estudo a caminho de uma análise. ....	47
4.1.2. Intuições de percurso, análise e reflexões recorrentes .....	49
4.2. Mães e Pais sim, filhos não .....	51
4.3. A Páscoa: Jesus é um coelho? .....	53
4.4. A escola e a rua: festejando uma parceria .....	56
4.5. Mecanismos básicos que se entrelaçam nas festas .....	58
4.6. As vozes dos participantes e os sentidos das festas .....	60
4.6.1. Enlaces entre cotidiano e extraordinário .....	63
4.6.2. E as festas ensinam .....	65

4.7. Visualidades que fazem as festas na escola... Podem conservá-las assim? .....	68
4.8. Reflexões dos alunos sobre as festas: idéias da discussão em grupos focais .....	73
4.9. Depois da festa .....	78
5. Capítulo 5	
5.1. Palavras finais: reflexões e encruzilhadas .....	82
6. Referências Bibliográficas .....	86

## RESUMO

Este trabalho investiga as festas e celebrações de uma escola da rede pública de Goiânia, Goiás, analisando a inserção destas práticas na cultura da escola e, particularmente, as visualidades que as configuram. A cultura visual, campo de estudo que indaga sobre o modo como as imagens ‘falam’ de indivíduos, suas práticas e instituições e sobre os significados que são construídos no processo de visualizá-las, constitui a referência teórica desta pesquisa.

As visualidades das festas e celebrações são o eixo que permite colocar em relevância distintas formas através das quais a cultura escolar transita entre cotidiano e momentos festivos e, também, expor relações entre os indivíduos dessa comunidade e as ‘imagens’ que criam sobre ensino, aprendizagem, educação e instituição. A escola, produtora e receptora de visualidades, encontra na realização de festas e celebrações um meio para estabelecer e ampliar diálogos com a comunidade.

O trabalho de campo foi realizado durante o primeiro semestre de 2003, período no qual fiz observação em uma sala de aula e participei das festas que a escola realizou selecionando para esta investigação as quatro principais – Festa das Mães, Festa dos Pais, Páscoa e Festa Junina. Durante as festas coletei impressões e depoimentos dos participantes e os alunos da turma observada participaram de grupos focais. Desses dados emergiram as questões e tópicos que apresento e analiso neste estudo, tais como: (1) o caráter multivalente (polivocal) das festas como espaço para comunicação entre participantes; (2) a festa como momento de 'aprendizagens' sociais e culturais; (3) a natureza das visualidades, presentes nas comemorações, como indicadoras de mudanças no ambiente escolar e (4) as visualidades como criadoras de sentidos e mobilizadoras de afetos nessa comunidade.

## **Abstract**

This research paper investigates the celebrations of a public school in the City of Goiânia, State of Goiás, analysing the inclusion of those practices in the school culture and focusing particularly on the visual aspects that compose those events.

The theoretical background to this paper is based on the concepts of Visual Culture, the study field which inquires into the ways how images “talk” about individuals, their practises and institutions and also about the meanings built up during the process of visualizing images.

The visualities of the parties and celebrations are the axis that allows putting in relevance the distinct ways through which the school culture changes according to quotidian or celebratory moments. Besides that, the visualities also expose the relations between this community individuals and the “images” that they elaborate towards learning, apprenticeship, education and institution. The school, place that produces and receives visualities, finds in the realization of parties and celebratory events an important way to establish and extend the dialogue with the community.

The data for this paper were collected during the first semester of the year 2003. At that time I observed a class and took part of all celebrations that happened at school. But, for the present investigation, I chose four, which I consider, being the principal ones: Mother’s Day, Father’s Day, Easter Celebration and June Festival (a Brazilian Celebration). During the events I collected impressions and spontaneous speeches of the participants in general and also of an specific group of students. From these data emerged the questions and topics that I present in this study, such as: (1) the multiple character of celebrations as an space for communication between its participants; (2) the party as a moment for social and cultural apprenticeship; (3) the nature of the visualities present in the celebrations, such as indicators of changes into the school environment; (4) the visualities such as sense creators and affection motivators in the observed community.

## **Apresentação**

Este trabalho apresenta descrições, discussões e análises de festas e celebrações realizadas numa escola, articulando estas práticas com as visualidades que apresentam e os sentidos que ganham nesse contexto.

No primeiro capítulo trato o tema das festas e celebrações, prática comum nas escolas, como manifestação social e cultural, chamando a atenção para o fato de que as visualidades produzidas para estes eventos ainda não se constituíram como objeto de estudo de pesquisadores da área de arte-educação. Ao final deste capítulo descrevo o contexto onde esta pesquisa foi realizada. A escola em questão é de ensino fundamental e pertence à rede pública municipal de Goiânia.

O segundo capítulo aborda as escolhas metodológicas feitas para este estudo e seus desdobramentos durante o processo de desenvolvimento da pesquisa. Os dados foram coletados através de quatro procedimentos: (1) observação de uma turma em sala de aula, com observações e anotações feitos em um diário de campo, (2) registros fotográficos de imagens em espaços de convivência, tanto no dia-a-dia, quanto nos dias festivos, (3) levantamento de impressões e depoimentos individuais, feito durante as festas escolhidas para este estudo e (4) realização de três grupos focais com os alunos da turma observada. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa de orientação etnográfica, a análise foi elaborada

a partir de um processo que organiza e cruza os dados com o intuito de dar sentido à experiência de campo – minha e dos participantes - e promover diálogos com a literatura que constitui o referencial teórico do estudo.

O terceiro capítulo descreve as festas selecionadas (Mães, Pais, Páscoa, Junina) e inicia a discussão sobre as visualidades presentes nestas comemorações. Ainda neste capítulo apresento uma descrição dos elementos visuais que compõem as festas, comento aspectos de sua preparação e a maneira como são dispostos nestas ocasiões.

A análise tem continuidade no quarto capítulo onde examino o caráter das Festas e Celebrações na escola e detalho instâncias deste caráter. Discutindo como as visualidades se instalam entre o dia-a-dia escolar e o acontecimento das festas, resalto e analiso as percepções dos alunos focalizando especificamente os dados obtidos durante os grupos focais. O capítulo termina fazendo um retorno ao cotidiano e costurando esses acontecimentos com os ecos que reverberam no tempo pós-festa.

A análise se encerra no capítulo cinco onde faço algumas considerações finais sobre o tema articulando-as com questões propostas inicialmente no trabalho. Concluo enfatizando a necessidade e a importância de outros estudos e investigações que abordem o tema sob diferentes perspectivas para ampliar o conhecimento e a compreensão das práticas de festejar e celebrar como ações que informam e dão sentido à cultura visual escolar.

## **Capítulo 1**

### **1.1. A Escola, a Festa e suas Visualidades.**

Vivemos em um mundo repleto de imagens efêmeras. A televisão, o cinema, os meios de comunicação, o mundo virtual, a publicidade e propaganda, a moda, dentre outras manifestações imagéticas, nos cercam de representações visuais. Somos cotidianamente seduzidos, influenciados, bombardeados por imagens que reconstruem o nosso mundo, ensinando muitas vezes como nos comportar, vestir, relacionar com os outros em sociedade.

As imagens têm sido usadas para representar, construir significados e comunicar opiniões sobre a natureza, a sociedade e a cultura, bem como para representar mundos imaginários e conceitos abstratos (Sturken & Cartwright, 2001). A produção e disseminação dessas visualidades não são neutras nem estão isentas de significados: elas embutem e articulam dogmas, regras e desejos, que podem determinar a formação do sujeito.

A escola, além de receptora, também se constitui produtora de imagens. Alunos, funcionários, professores e, em algumas ocasiões, familiares e convidados, estão inseridos num ambiente repleto de visualidades. Por que e como essas imagens são

apresentadas em ambientes comuns como corredores e pátios? Que mudanças são observadas no ambiente/espço escolar, particularmente na decoração, para as celebrações que acontecem na escola? Como os alunos, funcionários, professores e pais percebem e interagem com tais representações? Estas são algumas das questões que esta investigação analisa e discute.

Ao visitar qualquer escola brasileira, provavelmente iremos nos deparar com cartazes, trabalhos de alunos e professores, murais decorados e/ou avisos expostos em espaços de convivência, como pátios e corredores. Tais visualidades são comuns no espaço escolar. Segundo Frago e Escolano (2001, p. 27) “os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõe suas leis como organizações disciplinares”. Na “liturgia acadêmica”, grande parte dos estímulos é visual ou é transformada em imagens colocadas à disposição de todos, em locais de passagem de alunos e professores. Assim sendo, as imagens expostas dentro do ambiente escolar, no dia-a-dia ou nos momentos festivos, constituem um currículo oculto/paralelo. Chamo de currículo oculto pois, em muitos casos, a confecção e exposição das visualidades não estão previstas em nenhum documento oficial da escola, e ao mesmo tempo paralelo, porque elas caminham juntas com as atividades regulares da mesma. Além disso, apresentam, ensinam e criam disposições nos indivíduos que convivem nesse espaço.

As festas e celebrações são acontecimentos que fazem parte do cronograma das escolas. As visualidades apresentadas, nessas ocasiões, suas características, “conteúdos” e formas de significação que constroem para e com os alunos, constituem o objeto deste estudo. Tratarei estes dois termos – festas e celebrações – de maneira diferenciada. Essa distinção tem como base pesquisa em dicionários da língua portuguesa, nos quais a esses verbetes são atribuídas significações próximas porém diferentes. Entenderei a festa como uma reunião alegre para fins de divertimento, como a festa junina e a festa dos aniversariantes, que aconteceram na escola pesquisada. A celebração, com isso, diferencia-se da festa por ser um momento revestido de solenidade, em que se exalta e promove uma ocasião considerada relevante dentro do calendário escolar anual.

No entanto as festas e celebrações, assim como suas definições, guardam semelhanças, aproximações e mesmo podem coincidir em alguns momentos. Em ambos os casos ocorrem ações que saem do ordinário da escola, em que a rotina escolar é parcial ou

totalmente modificada pelos festejos e comemorações, o que acaba por aumentar ainda mais as semelhanças entre elas. É importante destacar que, na escola pesquisada, todas as atividades que tinham caráter celebrativo foram chamadas de *festa* e essa nomenclatura será por mim respeitada ao longo do texto.

É muito comum na maioria das escolas brasileiras, tanto as do ensino fundamental como as do ensino médio, a existência de um calendário escolar de datas comemorativas/festivas. Este calendário faz parte do currículo oficial da escola e serve como apoio (senão como guia) para a construção de um planejamento anual de propostas pedagógicas. Estas datas são celebradas ora internamente, com alunos, funcionários e professores e ora com a participação da comunidade de mães e/ou pais, irmãos, irmãs, convidados da escola e amigos dos estudantes.

A maneira como a escola lida com suas celebrações e festas, mais especificamente, como as visualidades contribuem, reforçam e criam significados para alunos e alunas, seja em celebrações internas, ou muitas vezes envolvendo toda a comunidade circunvizinha, não são ainda temas discutidos na literatura educacional ou da área do ensino de artes. Tal fato representou uma dificuldade para estabelecer o marco teórico desta análise. Em pesquisas realizadas em bibliotecas, livrarias e pela *internet*, não consegui encontrar publicações que tratassem desta categoria de visualidades amplamente encontrada na maioria das escolas brasileiras. Apesar da produção destas visualidades ser uma prática comum nas escolas, e em grande parte contar com o apoio do professor de arte para sua execução, a mesma ainda não constitui objeto sistemático de investigação de pesquisadores em arte-educação.

Ao mesmo tempo, por parte dos professores de arte com quem tive a oportunidade de conversar, constatei uma resistência explícita à participação destes profissionais na preparação das festas e celebrações nas escolas. Tal condição, em muitos casos é vista como desrespeitosa por desvirtuar e dispersar as responsabilidades e funções dos profissionais da área. *Fazer festinhas*, ajudar ou assumir a decoração do ambiente/espço escolar nestas e em outras ocasiões, produzir painéis e cartazes comemorativos são atividades que marginalizam a ação dos professores dentro da escola e reforçam a idéia de arte como lazer, recreação, passatempo.

Entretanto, o objetivo deste estudo é discutir estas práticas sob uma perspectiva que tem por foco as visualidades criadas para estas celebrações – trabalho que envolve tempo e concentração de alunos e professores – e a maneira como ela é vista e

percebida por alunos, em plano central. Desta forma a avaliação dos professores de arte a respeito das festas e celebrações que acontecem na escola não integra meu objeto de estudo nesta etapa da pesquisa.

A Cultura Visual constitui o grande arcabouço no qual esta investigação se instala, pois é um campo de estudo em que os elementos visuais são analisados e explorados. Mirzoeff (2003, p.3) afirma que “o vácuo entre a riqueza da experiência visual na cultura pós-moderna e a capacidade para analisar essa observação marca a oportunidade e a necessidade para a Cultura Visual como um campo de estudo”. A escola, com as visualidades que ela produz e exhibe nos locais de convivência, constitui um local no qual este vácuo se instala e onde permite que estudos desta natureza se estabeleçam.

Considero, portanto as visualidades, que são os objetos principais deste trabalho, como ‘*artefatos*’, resultantes de uma expressão plástica e produção visual, que estão presentes dentro da escola. Assim sendo, de acordo com Hernández (2000, p.53) estes e outros artefatos visuais “integram a Cultura Visual, como forma de pensamento, como um idioma que deva ser interpretado, como uma ciência, ou um processo diagnóstico, no qual se deva tentar encontrar o significado das coisas a partir da vida que nos rodeia”. Passamos muito tempo de nossas vidas na escola, rodeados de ‘artefatos’ visuais, confeccionados por nós mesmos ou por outros integrantes daquela comunidade e eles embutem significados. Os elementos da Cultura Visual, ainda segundo Hernandez (2000), constituem também objetos que nos fazem refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual são produzidos. Estas visualidades escolares teriam muito a dizer dos sujeitos e da escola que as institucionaliza e expõe nos espaços/ambientes selecionados por ela mesma. A produção destes elementos visuais acontece na escola de acordo com um cronograma anual de datas comemorativas que a instituição elege e celebra ou festeja.

O calendário de datas comemorativas adotado nas escolas privilegia algumas comemorações em detrimento de outras. Além disso, cada instituição de ensino possui autonomia para decidir quais ocasiões serão festejadas ou não. Apenas as datas oficiais como Independência do Brasil, pela relevância histórica e também por serem feriados nacionais, dificilmente deixam de ser celebradas ou ‘ensinadas’. A partir do calendário de datas comemorativas definido pela escola selecionada para este estudo, fiz uma escolha por quatro ocasiões festivas e será nelas que me deterei nas análises. Estes quatro momentos celebrativos - a Festa da Páscoa, a Festa das Mães, a Festa Junina e a Festa dos Pais - foram escolhidos por se destacarem dentro da programação da escola,

promovendo em momentos distintos a congregação de alunos, funcionários, professores e a comunidade escolar.

Certamente estes momentos festivos possuem componentes históricos, políticos, sociais e culturais. Segundo Itani (2003, p.7), a festa constitui um “espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas”. Em muitas ocasiões estas comemorações envolvem a escola como um todo, acontecendo em horários e dias pré-determinados e contemplando de uma só vez os três períodos de funcionamento. Nestes dias a rotina escolar é mudada, os horários são flexibilizados, os alunos saem das salas e assumem tarefas ligadas aos preparativos das festas, os professores têm funções específicas e diferentes de suas atribuições diárias e de rotina como, por exemplo, reorganizar a disposição do mobiliário, enfeitar mesas e paredes, receber, acompanhar e entreter os convidados. É criada uma situação em que ocorre um congraçamento entre alunos, professores, funcionários, independente do turno freqüentado ou função ocupada, e em alguns casos, envolvem também pais e convidados, que são reunidos com o objetivo de celebrar, reforçando a vivência de tais experiências coletivas.

Em diversas festas observadas em nossa sociedade, como o carnaval, por exemplo, é claramente delimitada a divisão entre o trabalho e o lazer, a obrigação e a diversão (DaMatta, 1997). Esta divisão é também parcialmente observada na escola. Isto porque para preparar o que se planeja ser lazer e diversão, professores e alunos são “obrigados” a trabalhar na confecção de enfeites e na preparação dos ambientes que em vários casos, significa rearranjar mesas, cadeiras, painéis e utensílios que serão utilizados para servir aos convidados. Mesmo com os preparativos que pressupõem qualquer celebração, o momento festivo parece ser tomado pela descontração, pela brincadeira, pela comunicação e pela alegria. É assim, a princípio que percebemos estas ocasiões, sem uma observação e contato sistemático com o processo que constrói tais celebrações.

Nos dias, ou situações festivas, os papéis sociais não estão fortemente delimitados, os alunos e os professores estão mais próximos, em trabalho ou congraçamento mútuos. Porém, esta visão da festa não é construída sem conflitos e alguns paradoxos acabam sendo deflagrados em razão dos festejos. Estes conflitos e paradoxos não são observáveis à primeira vista. Discutirei alguns deles no capítulo em que me deterei na análise dos depoimentos dos participantes das celebrações – alunos, pais, professores e funcionários – e dos grupos focais realizados com os alunos após as celebrações.

As celebrações e festas na escola têm um caráter de espetáculo, na medida em que constituem momentos de comemoração, de exaltação coletiva que contam com a presença de espectadores de um roteiro definido pela coordenação, direção e professores. No entanto é um *espetáculo institucionalizado* (Rosa, 2002), pois a ordem e a disciplina são fatores essenciais que a instituição mantém, preocupando-se em fortalecer, dentro de uma programação que é pré-definida. O tempo, o espaço e as ações são controlados e até certo ponto previsíveis. O controle escolar que existe no dia-a-dia seja no comportamento ou nas ações dos e para com os alunos, se diferencia, ganha uma certa maleabilidade, porém a instituição não abandona a sua posição de comando, que lhe é peculiar. Afinal este é um dos papéis sociais que a escola exerce, para que suas ações coletivas promovam a agregação dos sujeitos, e não o contrário.

Este estudo pretende discutir as festas e celebrações como uma manifestação escolar que não despreza o cotidiano no qual esta celebração é inserida. Ao contrário, contribui para instituí-las, posto que a prática destas comemorações na escola funciona como agente importante no reforço, na formação, na alteração ou permanência de valores culturais, éticos, morais, estéticos e de cidadania dos sujeitos que transitam e convivem neste universo escolar. O estudo propõe uma discussão que não diz respeito apenas aos professores de arte, mas que tem neles as motivações e razões para ampliar e buscar novas questões sobre as festas, a visualidade e o ambiente escolar. Afinal cabe, na maioria dos casos, aos profissionais da arte-educação a elaboração, confecção e organização das visualidades que irão compor o ambiente escolar nos momentos festivos. No entanto, não quero perder de vista o “cotidiano da escola como um espaço/tempo de produções, enredamentos de saberes, imaginações, táticas, criações, memórias, projetos, artimanhas, representações e significados” (Ferraço, 2002, p.93), construídos e vivenciados por todos que convivem neste complexo espaço-temporal da instituição escolar e durante a realização de celebrações e festas.

## 1.2. Contexto da Pesquisa

Este trabalho propõe investigar visualidades de uma escola pública através da observação, registros e análise de imagens expostas no interior dos espaços institucionais, especificamente aquelas vinculadas às festas e datas comemorativas que a escola celebra. Para tanto selecionei uma escola da rede pública municipal de Goiânia, situada no bairro Santa Genoveva, na região norte da cidade, cuja particularidade é funcionar num prédio cedido pelo Ministério da Defesa, ao lado de um quartel do Exército – 42º Batalhão de Infantaria Motorizada (42º BIMtz), atualmente denominado 1º Batalhão de Ações de Comandos (1º BAC).

Esta instituição de ensino foi fundada em 1966 e iniciou suas atividades com educação pré-escolar e de 1ª a 4ª série do antigo 1º grau, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Em 1980 estendeu suas atividades para turmas 5ª a 8ª série, nos períodos matutino e noturno, com a meta de atender alunos oriundos do 42º BIMtz e da comunidade circunvizinha.



**Fachada da Escola**

A escola tem um total de 739 alunos matriculados em 2004, divididos nos seus três turnos de funcionamento. O estabelecimento trabalha, no período matutino e vespertino, por Ciclos de Aprendizagem, que é uma proposta implantada pela rede pública municipal de Goiânia no final da década de noventa. No período noturno permanece a

divisão por séries. Nos Ciclos os alunos são distribuídos nas turmas, no ato da matrícula, de acordo com sua idade e cada ciclo tem a duração de três anos. A partir de 2003 todas as escolas municipais de Goiânia já estavam inseridas no sistema de Ciclos. Cada ciclo está organizado em três turmas - Ciclo I: A, B e C; Ciclo II: D, E e F; Ciclo III: G, H e I – que atendem, respectivamente, a alunos de faixas etárias entre 6 e 8 anos, 9 e 11 anos e 12 a 14 anos.

O espaço físico da escola é compreendido pelos seguintes espaços (ver Planta Baixa da Escola):

- A – Administração: uma sala de secretaria e uma sala para direção.

- B – Apoio Administrativo: uma sala de professores, coordenação de turno e mecanografia e uma sala onde funciona a biblioteca e coordenação pedagógica.

- C – Infraestrutura de Apoio: um almoxarifado, uma cozinha, um depósito para merenda escolar, um depósito para material de limpeza, um depósito para material de educação física, um depósito para material pedagógico, um banheiro masculino para alunos, um banheiro feminino para alunas e um banheiro na sala de direção.

- D – Oito salas de aula.

A estrutura física da escola está bastante desgastada pelo tempo, desde sua criação, há quase quarenta anos. Nesse período, o prédio foi restaurado e reformado várias vezes, porém o aspecto é ruim, sujo e decadente. A parte destinada à administração é pequena e precária. Na secretaria e na sala da direção, muitos objetos, livros e pastas estão guardados de maneira aparentemente improvisada, empilhados ou em cima de armários e mesas. Os almoxarifados e depósitos existentes, por serem muito pequenos, não comportam todo o material que necessita ser guardado. A sala de direção tem um banheiro pequeno, o único disponível para todos os funcionários.





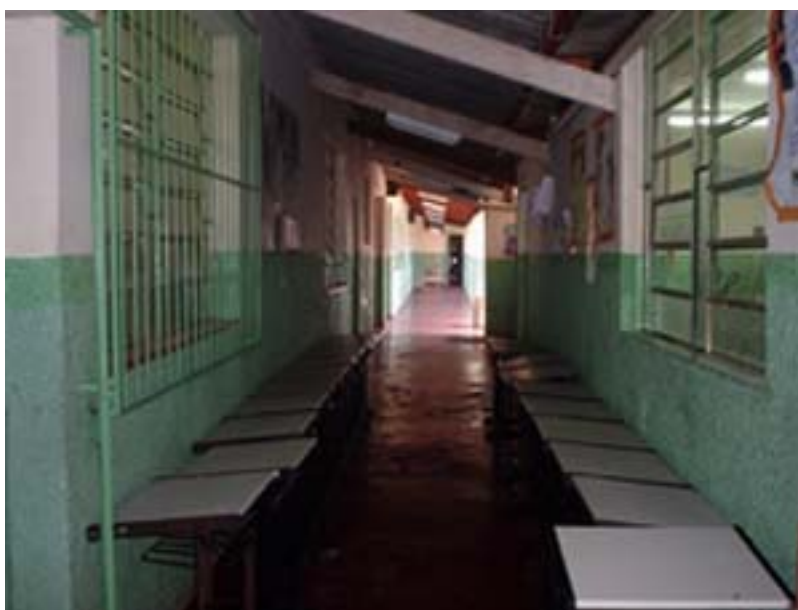
**Detalhe do prédio da escola**

O Plano Político Pedagógico de 2004 (PPP/2004) da escola é um documento oficial encaminhado anualmente à Secretaria Municipal de Educação com as propostas educacionais que a escola pretende desenvolver e um histórico da instituição. O PPP/2004 foi estruturado de maneira que aponta a precariedade do espaço físico, a necessidade de reformas urgentes e ainda salienta sobre “a ausência de sala de vídeo, auditório, pátio, quadra de esportes, biblioteca ampla, sala para coordenação pedagógica, banheiro para funcionário e uma secretaria geral com espaço adequado”. Apesar de enviado em meados de abril de 2004 à Secretaria Municipal de Educação, até setembro do mesmo ano nenhuma resposta ou proposta para resolução dos problemas apresentados no mesmo foi apresentada pela Secretaria.

A escola apresenta um padrão que segue, segundo Frago e Escolano (2001, p.23) “modelos que correspondiam aos postulados do higienismo e à racionalidade panóptica”. A pintura das paredes é um exemplo do padrão higienista muito adotado em hospitais e locais públicos onde é grande a movimentação de pessoas. Em duas cores, a parte inferior é pintada de tinta a óleo para facilitar a limpeza e é também de textura áspera para suprimir o contato.

O modelo panóptico descrito por Foucault (1987) pressupõe uma política social em que se deseja o domínio dos movimentos e dos costumes, por meio do controle visual, prática considerada necessária nas prisões e hospitais psiquiátricos, por exemplo. No caso desta escola, o longo corredor que atravessa toda a extensão do prédio e de onde

se pode ver quase toda movimentação dos alunos é o exemplo da possibilidade de uma racionalidade panóptica. Todas as salas (de aula e administrativas) possuem um único acesso, suas portas de entrada/saída são voltadas para este corredor. É possível que o coordenador pedagógico ou de turno, ou outra pessoa responsável pela conduta dos alunos, observe este corredor e identifique quais estudantes não estão dentro da sala de aula e o que fazem, uma vez que estejam fora. No entanto existe uma cadeia de controle, pois para a coordenação é satisfatório que o aluno esteja dentro da sala de aula, dentro da qual o controle deverá ser exercido pelo professor.



**Corredor central**

Existe um terreno, nas proximidades, que foi doado à escola, pelo quartel. Há uma solicitação e uma expectativa de ser construído um novo prédio. Em torno desta expectativa os professores e direção fazem planos e projetos. Segundo eles, e outras pessoas da comunidade que ouvi, esta construção poderia melhorar o desenvolvimento das atividades escolares rotineiras, dos eventos e comemorações. Entretanto, durante o período que permaneci na escola, a comunidade escolar viu frustrar suas expectativas, uma vez que o projeto de início da construção do novo prédio, previsto para junho não se concretizou.

O turno matutino selecionado para o foco do trabalho, corresponde ao Ciclo III. Neste turno há um coordenador pedagógico, um coordenador de turno, uma secretária, 12 professores e 08 turmas, cada uma com aproximadamente 30 alunos, sendo três turmas

“G” (G1, G2 e G3, que corresponderia à sexta série), três turmas “H” (H1, H2 e H3, correspondente à sétima série) e duas turmas “I” (I1 e I2, relativas à oitava série).

Meu primeiro contato com a escola foi em março de 2004. Expus o projeto à direção, coordenação e posteriormente ao grupo de professores. Em seguida iniciei o trabalho de campo que será detalhado nos próximos capítulos.

## **Capítulo 2**

### **2.1. Escolhas metodológicas**

Os dados para este trabalho foram obtidos por meio de quatro procedimentos: (1) registro fotográfico dos espaços de convivência, como corredores, pátios e salas de aula, durante as celebrações e no dia-a-dia; (2) observação e registro de campo de uma turma e (3) coleta de depoimentos individuais e (4) realização de grupo focal. Esta investigação possui um caráter qualitativo de tipo etnográfico. Como pesquisa qualitativa não conforma a objetividade e neutralidade da abordagem quantitativa, mas busca diante dos dados obtidos por meio dos procedimentos adotados, traçar um perfil do *corpus* da investigação, sendo que este perfil tende a seguir um processo indutivo de análise. Esta modalidade de pesquisa, segundo Ludke e André (1986, p.13), possibilita que “o desenvolvimento do estudo aproxime-se a um funil: no início há questões ou focos de interesses muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos”.

Esta pesquisa também busca na etnografia elementos de suporte para sua realização. Entendo que praticar a etnografia, de acordo com Geertz (1989, p.4) “é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante”, no entanto não a considero etnográfica, pois apesar de adentrar no universo pesquisado e coletar dados, não os trato

sob uma perspectiva estritamente cultural, que segundo Wolcott (1991), seria a premissa do trabalho etnográfico: buscar na cultura o apoio necessário para a compreensão da realidade a ser pesquisada. A mais, os procedimentos de coleta de dados não tiveram como pressuposto a imersão contínua por um período maior de tempo no universo pesquisado, como é característico das pesquisas etnográficas. Embora as visitas tenham sido regulares, restringiram-se a um período de sete meses, pautadas pelo calendário das festas previstas para esse período.

A seleção do local para essa investigação levou em conta a opção de que o trabalho fosse feito em uma escola pública da cidade, de fácil acesso, pois os dias e horários para a observação não foram definidos a priori. As definições do cronograma de observação foram acontecendo após os primeiros contatos, considerando ainda, o fato de que não era do meu conhecimento outro estudo sobre as visualidades das festas e celebrações nas escolas. De acordo com o calendário escolar de datas comemorativas e das festas e celebrações que o estabelecimento de ensino se propunha a realizar, decidi o tempo e a frequência de participação e observação na escola.

A escola possui um calendário anual de datas comemorativas e atividades a serem realizadas e este calendário faz parte do PPP/2004. Porém observei que alterações de datas e até mesmo exclusão de proposta de festividades ou comemorações, com inclusão ou não de outras, aconteciam durante as reuniões semanais de planejamento do grupo de professores. As reuniões de planejamento do grupo docente aconteciam sempre às sextas-feiras, das 9:30h às 11:30 h, de modo que neste dia as aulas terminavam mais cedo, os alunos eram liberados e os professores permaneciam na escola.

Foram realizadas aproximadamente 30 visitas à escola no período de março a setembro de 2004. Os registros fotográficos foram feitos em quase todos os dias em que estive na escola para o trabalho de campo. O dinamismo do cotidiano escolar com sua volatilidade de propostas e a grande construção e apresentação de imagens no espaço coletivo de convivência permitiu grande frequência nestes registros.

Os registros fotográficos feitos durante as visitas podem ser divididos em três tipos principais de imagens:

- 1 – Produzidas para as festas que a escola realizou, ou nelas expostas;
- 2 – Do cotidiano, na forma de avisos, campanhas e outros; e
- 3 – Resultantes das atividades de sala de aula expostas em espaços coletivos.

A quantidade destes registros não pressupõe uma diversidade de propostas, temas ou tipos. No entanto, ficou claro, devido à quantidade de registros fotográficos realizados, além da aparente necessidade de que as representações visuais fossem substituídas constantemente para demarcar o momento ou data comemorativa que a escola estava celebrando, que “as imagens, como as palavras, representam e permitem a expressão, algumas mais criativas que outras, mais bonitas que outras, mas que dizem, de qualquer forma, de quem as crias e do que o criador quer se expressar” (Sgarbi, in: Alves, 2001, p. 129). Mais ainda, as imagens podem dizer, neste caso, de quem as seleciona e do que interessa que estas imagens possam comunicar ou ensinar.

A escolha de observação de uma turma durante o processo de coleta de dados foi definida antes de iniciar o trabalho de campo. Essa opção visou possibilitar que eu pudesse buscar um aprofundamento na compreensão das relações dos alunos com o ambiente escolar principalmente com a produção, organização e escolhas dos materiais e/ou imagens que fariam parte das comemorações/decoração da escola. No entanto a definição de qual turma seria a observada aconteceu depois do primeiro contato com o grupo de professores do período matutino.

No primeiro dia em que procurei a escola, a diretora do estabelecimento se mostrou interessada na proposta da pesquisa sobre visualidades escolares, concordando de imediato com a minha presença no ambiente escolar. Porém solicitou que antes do início dos registros e da observação, fosse explicitada a proposta para o grupo de professores.

Neste encontro, especialmente agendado para a apresentação da proposta, e após conhecê-la, alguns docentes levantaram considerações sobre uma determinada turma de sexta série. Tal turma, denominada “G3”, é composta de alunos com idades superiores a 12 anos e que, segundo os professores, apresentam dificuldades de aprendizagem. Estas dificuldades teriam resultado na retirada desses alunos das turmas correspondentes à sua faixa etária e no reagrupamento na turma G3. Esse remanejamento aconteceu alguns meses após o início do ano letivo. Os professores consideram que os estudantes deste grupo são os mais indisciplinados da escola e, conforme indicado pela discussão que se seguiu, esse comportamento foi justificado tendo como referência a configuração arquitetônica da sala. Segundo os professores, esta sala de aula é a única que tem um formato quadrado, sendo as outras mais espaçosas e retangulares. A partir dessa afirmação surgida na reunião com o grupo de docentes decidi que esta seria a turma observada.

O fato do grupo de professores ter levantado a possibilidade do espaço arquitetônico da sala de aula influenciar no comportamento dos alunos chamou minha atenção, pois relacionar a estrutura física da sala como fator de alteração ou mudança de comportamento dos alunos não era algo esperado. Apesar do foco deste trabalho não ser a estrutura física da escola, vale lembrar a discussão proposta por Tavares, citado por Garcia (2003, p. 49), em que observa:

A arquitetura escolar (em especial da escola pública) não vem se constituindo como um problema de investigação dos educadores, o que dificulta sobremaneira que o espaço escolar do ponto de vista arquitetônico seja compreendido, enxergado e lido como um dos componentes materiais e simbólicos do discurso, da política e da teoria pedagógica contemporânea.

A escolha do procedimento de observação pressupõe desafios, como a influência da presença do observador no cotidiano estabelecido da turma, e a identificação e seleção de fatos que podem ser imprescindíveis ao encaminhamento da pesquisa. A observação não era participante, no entanto, no decorrer do processo houve momentos em que foi solicitada minha contribuição ou ajuda, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

A presença do observador modifica, ao menos em parte e, principalmente, no período inicial da pesquisa, a dinâmica da sala de aula. Uma maneira encontrada para minimizar esse problema foi aumentar a minha frequência, inclusive durante outros momentos do cotidiano escolar, como o recreio, por exemplo. Além disso, depois de um período em campo, decidi que as anotações no caderno de campo seriam feitas após a saída da sala de aula. Foram “anotações de memória” para que esse procedimento de coleta de dados não inibisse ainda mais o comportamento dos alunos.

As anotações de memória exigiam persistência e prontidão nos registros. Para buscar manter a precisão e clareza dessas vivências me organizei de modo a registrar os acontecimentos no diário de campo imediatamente após os períodos de observação. Essa atitude me liberou para observar sem a preocupação do registro imediato, ao mesmo tempo em que deveria estar mais atenta aos fatos aconteciam ao meu redor.

Observar o cotidiano de uma escola é um desafio, pois como qualquer cotidiano, este também é inventado momentaneamente e não permite antecipar caminhos.

Podemos apenas apreender seus fragmentos e maneiras diferenciadas de senti-lo (Ferraço, 2002).

As coletas de depoimentos – individuais e com grupo focal – foram uma opção surgida após o início do trabalho de campo. Tinha a intenção de fazer entrevistas e abordar os participantes das festas de forma mais direta e específica. Porém, a idéia de coletar depoimentos durante a realização das festas só se concretizou após uma primeira experiência de participação em celebração. Estes depoimentos individuais foram realizados em três momentos: durante a Festa das Mães (maio), durante a Festa Junina (junho) e durante a Festa dos Pais (agosto). Coletei impressões de professores, funcionários administrativos, pais de alunos e alunos de dois turnos (matutino e vespertino), num total de 24 pessoas, sendo que foram ouvidos cinco professores, sete alunos, onze pais/mães e um funcionário. Algumas declarações já apontam caminhos para auxiliar a discussão pretendida com esta investigação, como por exemplo, quando um professor do ciclo III diz: – “(...) *Cria-se um ambiente meio farsa nas datas festivas, querem dar uma cara pra escola, escondem mais ou menos o feio, mas é só naquele dia, o dia-a-dia fica em haver*”.

Em setembro, após cinco meses de observação e após ter presenciado e participado de quatro festas na escola (Páscoa, Mães, Junina e Pais) realizei a coleta de depoimentos com grupo focal. Esta modalidade de entrevista foi escolhida porque de acordo com Gaskel (2002) é um debate aberto e acessível a todos, os assuntos em questão são de interesse comum e este debate se apóia em uma discussão racional. O grupo focal proporciona troca de pontos de vista, idéias e experiências e principalmente não privilegia posições nem sujeitos. Na realização de grupos focais o objetivo “é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem” (Gaskell, 2002, p.75). Como moderadora do procedimento utilizei recursos de livre associação sobre o tema, e um conjunto de fotografias das festas que aconteceram até aquele momento, que serviram como catalisador para o debate sobre as visualidades das festas e celebrações que a escola realizou. Além disso por se tratar do tipo de discussão descrito acima, acreditei que alcançaria a percepção dos alunos a respeito das festas e celebrações que aconteceram na escola, bem como a significação, para eles, das visualidades presentes nestes momentos.

A turma escolhida para a observação – turma G3 – foi dividida em três grupos: o primeiro e o segundo com oito alunos cada e o terceiro com seis alunas. A divisão dos grupos ficou a cargo do professor que estava na sala no horário determinado pela coordenação da escola para a realização dos grupos focais. Cada grupo focal foi feito em

um dia diferente, os alunos eram retirados da sala e conduzidos à biblioteca da escola, onde eu os aguardava. Tal procedimento serviu para reunir dados sobre como a comunidade escolar, em especial os alunos, participam, compreendem, lidam ou percebem as festas e celebrações que acontecem na escola.

O próximo capítulo trará uma descrição de quatro festas que foram realizadas na escola durante os seis meses de observação – a Festa da Páscoa, a Festa das Mães, a Festa Junina e a Festa dos Pais. Estas festas não foram às únicas que aconteceram na escola durante este período, no entanto este recorte foi mais uma opção metodológica decidida ao longo da pesquisa. Estas celebrações escolhidas, eram as que mais envolveram a escola como um todo, se destacando dentro da programação festiva da escola, promovendo a congregação de alunos, funcionários, professores e a comunidade escolar.

O cotidiano escolar por si só constitui um rico *corpus* de análise e observá-lo leva o pesquisador a buscar diferentes aspectos metodológicos construídos durante o processo.

## Capítulo 3

### **3.1. Descrição das Festas da Escola**

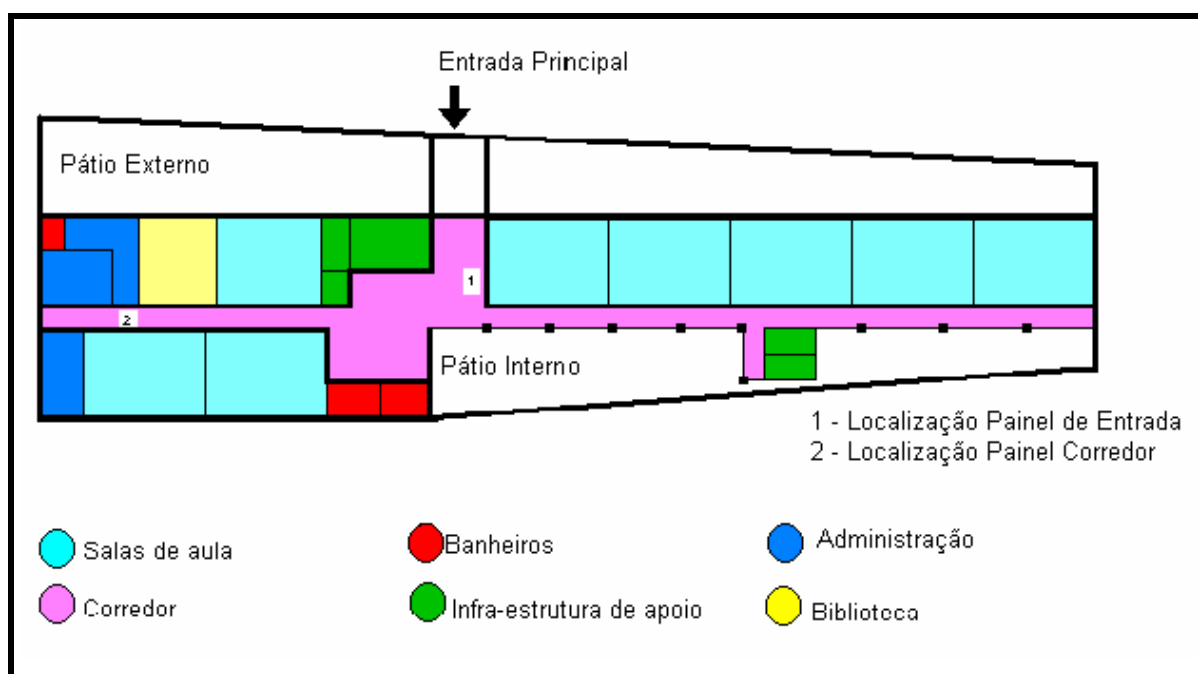
Neste capítulo serão descritas as festas que aconteceram na escola e que foram selecionadas para este estudo. São elas:

- **Festa da Páscoa** – 07/04/2004 – Participação de alunos, professores, funcionários e convidados da escola.
- **Festa das Mães** – 29/05/2004 – Participação dos professores, funcionários e mães dos alunos.
- **Festa Junina** – 19/06/2004 – Participação de alunos, professores, funcionários, comunidade escolar (famílias e amigos dos alunos) e convidados da escola.
- **Festa dos Pais** – 21/08/2004 – Participação dos professores, funcionários e pais dos alunos.

Para esta descrição foram escolhidas algumas imagens que representam parte da visualidade presente na escola durante estas celebrações. Estas escolhas, das festas e das imagens, já pressupõem um olhar, o olhar do sujeito pesquisador que elege no

cotidiano de uma escola, a “sua” escola, e constrói a partir dela uma rede de significações de suas experiências (Alves, 2001). Não pretendo, entretanto, um esgotamento dos sentidos, das histórias, das emoções e das memórias de quem vê as imagens e lê o trabalho. Muito menos a redução das histórias e memórias dos que participaram das festas a estas imagens e a esta leitura.

Visando uma melhor compreensão da organização do espaço físico da escola e principalmente para localizar os eventos que serão descritos, criei um modelo esquemático do espaço escolar (Figura 1). Este modelo foi feito a partir da planta baixa da escola e re-apresenta de forma simplificada o contexto físico da pesquisa, descrito no capítulo anterior.



**Figura 1 - Esquema da estrutura física da escola**

O espaço físico e os painéis da escola que configuram espaços/locais em que apareceram algumas modificações visuais durante as celebrações, foram destacados e estão representados no quadro abaixo. Neste quadro assinalo a ocupação dos espaços/locais destinados para cada uma das festas. É possível perceber semelhanças e diferenças em termos de ocupação dos espaços entre cada uma das celebrações observando este quadro. Por exemplo, a Festa das Mães e dos Pais ocupam os mesmos espaços e a Festa Junina é a única que, extrapolando os limites da escola, invade a rua.

Quadro de ocupação dos painéis institucionais e do espaço físico para cada uma das festas selecionadas para este estudo:

<b>Festas</b>	Painel de entrada	Painel do corredor	Painel móvel	Paredes/ corredor/ portas	Pátio interno	Pátio externo	Rua em frente à escola
Páscoa	X	X	X	X	X		
Mães			X	X	X	X	
Junina				X	X	X	X
Pais			X	X	X	X	

Semelhanças e diferenças entre as festas e celebrações selecionadas vão além da ocupação dos espaços. A comida e a decoração do ambiente são itens presentes em todas elas. A participação dos alunos, entretanto acontece apenas na festa da Páscoa e na Festa Junina. Estes e outros pontos serão detalhados no próximo capítulo.

### **3.2. Festa da Páscoa – Religiosidade e Cidadania**

Esta festa aconteceu na escola no dia 07 de abril de 2004, uma quarta-feira, véspera do feriado escolar da Semana Santa. Ao chegar à escola observei que o professor de arte estava no pátio interno com aproximadamente dez alunos, todos homens, com idades entre 14 e 16 anos, das turmas “I” correspondentes à oitava série. Este grupo estava iniciando a montagem de um cenário para comemoração da Páscoa.

Os materiais para a montagem estavam guardados em grandes caixas de papelão e percebi que aqueles alunos estavam familiarizados com o processo de desembalar e organizar o material, pois, com desenvoltura, iam retirando-os e separando-os em grupos distintos: pilhas de plásticos pretos, cordas, TNT preto e fiação elétrica. Arrumavam também algumas latas que continham lâmpadas dentro e que serviam como *spot* de iluminação improvisados e conectados a uma mesa de controle da iluminação. O

professor dividiu estes alunos em grupos e distribuiu as tarefas, sendo que um grupo foi para a montagem do fundo e das laterais do palco, outro para a montagem da iluminação e o terceiro para a decoração do cenário. A impressão que se tinha é que este material havia sido utilizado anteriormente em alguma celebração e que aqueles alunos já sabiam como e o que deveriam montar para esta festa.

Depois que o fundo do palco feito de TNT e plástico ficou pronto, começou a montagem do cenário. O fundo do cenário era composto por trabalhos dos alunos das turmas “I” e “G”, feitos em sala de aula. Uma de suas partes, do lado esquerdo, era constituída de um grande painel montado por trabalhos feitos individualmente em papéis de seda quadrados parecendo vitrais. A outra parte, do lado direito, era montada em três faixas verticais com produções dos alunos das turmas “G”. Cada faixa agrupava vários mosaicos, cujo tema era a Páscoa, feitos sobre papel de tamanho A4 com colagem de papel picado. Estes painéis já estavam prontos e tinham sido montados anteriormente pelo professor, cabendo aos alunos apenas a fixação no fundo, com a disposição determinada também pelo professor. O coordenador da escola auxiliava no processo (Figura 2).



**Figura 2 – Montagem do palco/cenário**

O fundo do cenário e o teto foram cobertos com plásticos pretos e os trabalhos pregados por cima. Pelas duas tiras verticais que ficaram descobertas é possível observar o plástico preto do fundo e a maneira como foi cuidadosamente afixado nas partes superior e inferior. Pode-se observar também que do lado esquerdo existe uma predominância de elementos da natureza nos motivos representados pelos alunos, como

flores, plantas, frutas, sol e lua. Do lado direito, nas três faixas verticais, o elemento mais representado é a cruz, seguida do cálice, elementos cristãos, dentro da temática da festa. Na primeira e terceira faixa os trabalhos foram agrupados formando duas fileiras verticais, na segunda faixa os trabalhos foram arranjados um a um. O cenário, depois de pronto, ficou constituído pelo fundo decorado com os painéis confeccionados pelos alunos e pelo professor de arte e também pela lateral esquerda recoberta com plástico preto. Observa-se também por esta lateral que foi deixado um espaço para que os alunos que iriam participar da representação teatral pudessem passar, por este local se vê uma parte da janela no corredor ao fundo (Figura 3). A lateral direita não foi recoberta, permanecendo visível o muro da escola, com manchas de lodo e sujeira. Foi neste local que aconteceu toda a programação da festa, com o teatro, as orações, os discursos e apresentações que detalharei adiante.



**Figura 3 – Fundo do cenário pronto**

À frente desse palco foram colocadas cadeiras enfileiradas formando o local destinado ao público. A festa tinha uma programação que não estava divulgada em nenhum espaço. Ao conversar com o coordenador recebi um papel com a programação escrita, cujo conteúdo transcrevo abaixo:

9:00 – Apresentação teatral – abertura

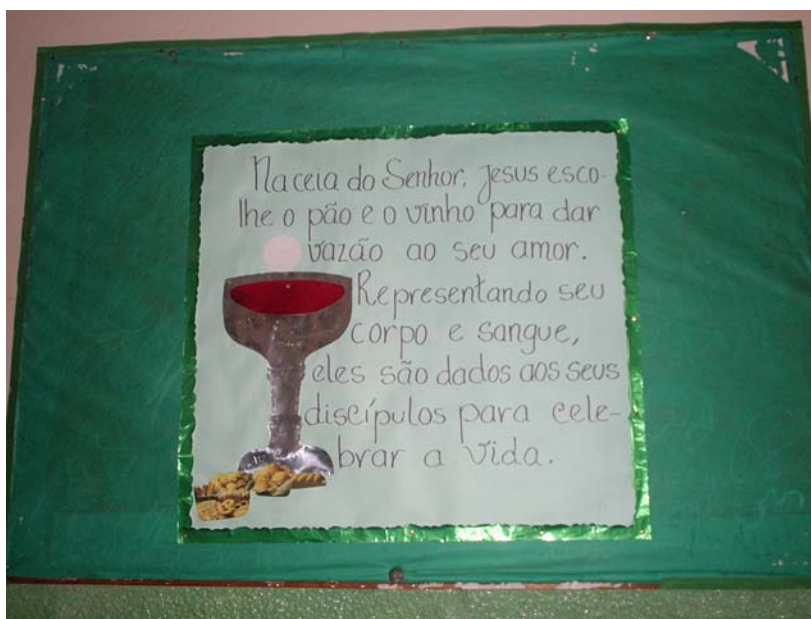
9:30 – Discurso do vereador

10:00 – Partilha da palavra – um representante de cada religião

10:45 – Partilha de alimentos – Pão e suco de uva

11:15 – Encerramento

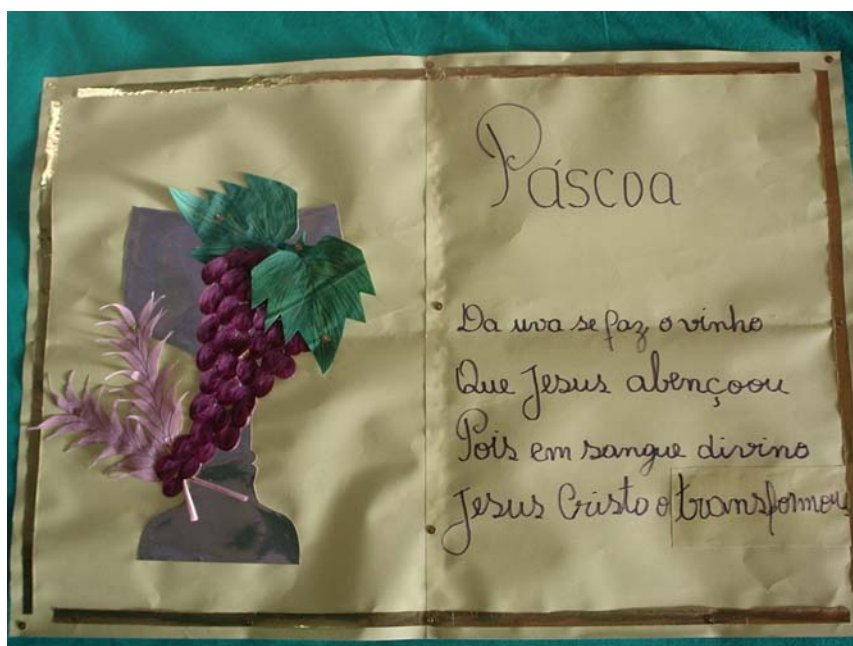
A escola estava decorada com cartazes, painéis e bandeirinhas, materiais e imagens bem diversos, mas referentes à data comemorativa em questão. O painel de entrada foi confeccionado em uma cartolina branca com uma moldura verde em papel laminado. Continha a seguinte mensagem: “*Na ceia do Senhor: Jesus escolheu o pão e o vinho para dar vazão ao seu amor. Representando seu corpo e sangue, eles são dados aos seus discípulos para celebrar a vida*”. A imagem usada para este painel era de um grande cálice com vinho, como sugeria a mensagem e recortes de figuras de pães possivelmente extraídas de alguma revista. No alto do cálice também se observava a representação da hóstia sagrada, feita em papel branco colado, um símbolo católico significativo nesta festa (Figura 4).



**Figura 4 – Painel de Entrada**

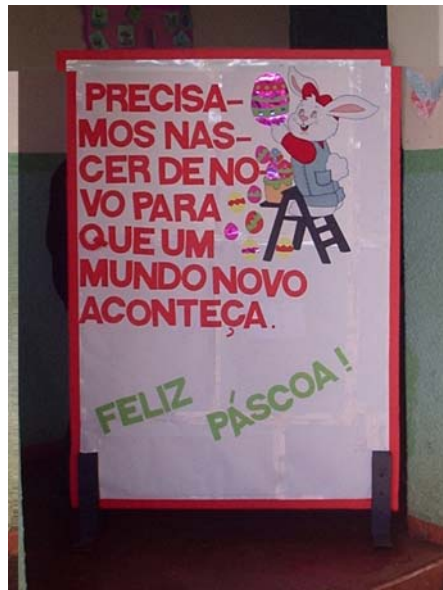
O painel do corredor continha a seguinte mensagem: “*Páscoa. Da uva se faz o vinho que Jesus abençoou, pois em sangue divino Jesus Cristo o transformou*”. A imagem fazia referência aos dizeres e mostrava, um cálice, um cacho de uva com folhas verdes e ramos de trigo. A imagem neste cartaz foi inteiramente confeccionada e não era

apenas um recorte de alguma revista. A uva foi feita de pedaços de papel crepom enrolados formando bolinhas e depois colados, técnica muito usada em trabalhos que vi nesta escola. Esta técnica também é comum em outros trabalhos desta e de muitas outras escolas. As folhas verdes estavam parcialmente coladas, deixando as extremidades em relevo, assim como os ramos de trigo. A última palavra da mensagem foi colada por cima do papel original o que sugere que houve uma correção ou substituição da palavra e essa foi a solução encontrada para finalizar o cartaz (Figura 5).



**Figura 5 – Painel do Corredor**

O painel móvel também estava decorado com uma mensagem escrita e com uma imagem. A mensagem dizia: “*Precisamos nascer de novo para que um mundo novo aconteça. Feliz Páscoa*”. Ela fala de renascimento e a imagem apresenta a ilustração de um coelho subindo em uma escada, segurando um grande ovo de páscoa, como se fosse usá-lo para decorar um ambiente. Ainda na imagem aparecem dez ovos de páscoa menores, sendo que quatro estão dentro de uma cesta e seis como se caíssem dela. Não existe uma relação direta entre a mensagem e a imagem como nos dois exemplos anteriores (painel da entrada e painel do corredor), e a representação do coelho é meramente ilustrativa (Figura 6).



**Figura 6 – Painel móvel**

Em todos os painéis descritos, a moldura é um complemento de finalização sempre presente. Este elemento também se repete na maioria dos cartazes que decoram a festa. A borda/moldura é elemento obrigatório na concepção estética que orienta a preparação dos cartazes, e responde à necessidade de contornar e destacar os elementos visuais bem como os textos que veiculam as mensagens. Os tipos de molduras são os mais variados. Algumas reduzem-se a apenas uma tira de papel brilhante nas extremidades, como no painel de entrada (Figura 5). Eventualmente pode-se observar aquelas formadas por um babado, como na figura abaixo.



**Figura 7 – Cartaz com babados**

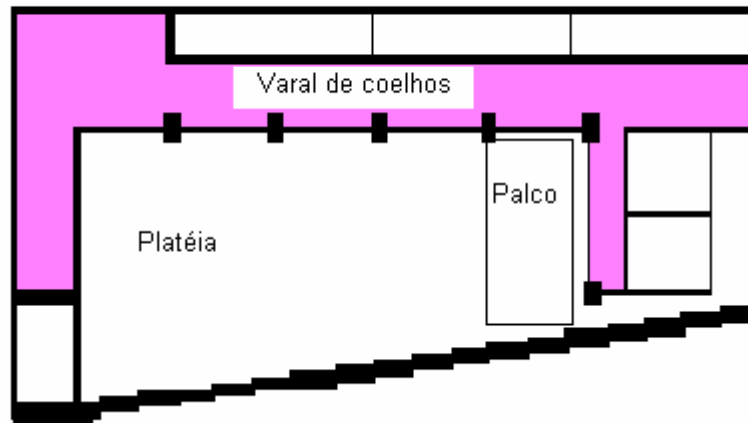
Cobrindo uma parte do corredor, bem ao lado do pátio onde aconteceria a comemoração, havia vários varais, cortando o corredor em diagonais, compostos de imagens mimeografadas sobre papel sulfite, representando caras de coelhos. Os desenhos são todos coloridos com lápis de cor e/ou giz de cera. Apesar do formato ser de coelho é observável a diversidade no uso das cores e na inclusão de detalhes que os alunos encontraram para dar uma identidade particular a cada trabalho (Figura 8). Ora são feitas linhas grossas reforçando algum contorno de partes do desenho, ora são as bocas que ganham cor e ora é a relação figura-fundo que fica evidenciada. Observei atentamente e percebi que não havia um só coelho igual a outro. Voltarei a essa questão, do desenho reproduzido, no capítulo de análise.



**Figura 8 – Varal de coelhos**

Em outros locais como as paredes do corredor e portas de salas de aula, foram colocados alguns cartazes comemorativos da páscoa. A representação que mais aparece nestes cartazes é a do coelho da páscoa. O coelho é uma imagem repetida nos trabalhos das crianças e dos professores como observei na descrição sobre o painel móvel da Figura 7.

Esquema do Pátio interno - Detalhe



Havia ainda espalhados pelo corredor da escola cinco cartazes (Figura 9). Dois deles (cartazes 1 e 2) foram feitos com cartolina, adornados com moldura de papel crepom franzido, complementados com palavras em inglês sobre a comemoração. Colados nos cartazes havia cartões de felicitações pela data. Estes cartões eram padronizados em três tipos, e mais uma vez, como no exemplo dos coelhos no varal, não existiam um igual ao outro. Além dos cartões, completava os cartazes um cacho de uva em cada, feitos com a técnica de colagem de papel crepom em bolinhas. Um outro cartaz (cartaz 3) referia-se aos símbolos pascais, como a vela, o ovo, o trigo, a uva, o peixe e o coelho, todos ilustrados com recortes de revistas. Este cartaz continha a palavra “símbolo” grafada incorretamente. Um quarto cartaz possuía uma moldura desenhada, duas imagens: um ovo de páscoa e um coelho, e três quadros com mensagens sobre a data. Nestes quadros a leitura da mensagem era dificultada por causa da letra pequena e do fundo colorido. O quinto e último cartaz era composto de uma única frase: “*A páscoa é a festa do valor da vida*”, e decorado com flores e coelhos. Dois coelhos usados neste cartaz eram da mesma “fôrma” dos coelhos encontrados nos varais. Era o único que não possuía moldura, porém parece ter havido uma decisão de usar as imagens dos coelhos além do espaço do cartaz.

A maneira como os cartazes são colocados nas paredes é também ponto para discussão. A pintura em duas cores da parede provoca uma diferença na altura de colocação dos cartazes, que deveria ser na altura dos olhos das pessoas que transitam por ali, e isso não acontece. Todos são afixados acima da parte verde, como fica claro na imagem do cartaz 5. Este deslocamento dificulta uma apreciação dos cartazes e também sua leitura, ainda mais se levarmos em conta que os observadores, em grande parte, são

crianças e adolescentes, portanto ainda estão em fase de crescimento, possuindo baixa estatura na maioria dos casos.



**Figura 9 – Cartazes do corredor**

No horário definido, os alunos foram levados das salas de aula para participar da celebração, sentando nas cadeiras em frente ao palco. Para os convidados de “fora” da escola, como os representantes de cada religião e o vereador, foram colocadas cadeiras na lateral do muro, na frente das demais cadeiras já posicionadas, ocupando um lugar privilegiado.

A diretora então iniciou a comemoração, agradecendo a presença de todos e lembrando o motivo da Festa da Páscoa como um momento de “partilha e celebração” de uma data cristã. Em seguida anunciou-se a apresentação teatral.

Os alunos, durante o espetáculo, permaneceram atentos, com poucas conversas paralelas. No entanto, assim que terminou a apresentação e o coordenador chamou o vereador para discursar, a conversa dos alunos aumentou e por várias vezes foi preciso pedir silêncio ao público. O discurso foi político, lembrando o ano eleitoral e a candidatura a reeleição. Além do momento festivo e da data comemorativa do dia, o vereador também falou da construção da nova escola, cuja obra começaria ainda este ano. Ao falar da construção, que é uma expectativa de toda escola, por causa da precariedade do atual espaço físico, foi muito aplaudido por todos.

Antes de iniciar, conforme previsto, o terceiro momento da programação que seria a partilha da palavra, o professor de arte tocou violão e cantou uma música religiosa, sendo acompanhado por várias pessoas. Enquanto o professor se apresentava foi colocada uma mesa em frente ao palco para que os convidados se sentassem. Esta mesa estava decorada com uma toalha branca com renda, um caminho de mesa verde ao centro e um arranjo feito de pão, uvas e trigos acondicionados em uma cesta. Havia no local um representante da igreja católica, um representante de uma igreja protestante e um representante do espiritismo. Cada um, dentro da sua fé, falou para os presentes sobre a vida de Jesus Cristo e a sua Páscoa (paixão, morte e ressurreição), tema do evento.

Assim que terminou a fala dos convidados, iniciou-se o momento de partilha dos alimentos. Os professores haviam previamente acondicionado os pães e os copos com suco de uva em bandejas, os alunos formaram uma fila única e se dirigiram a uma sala lateral para que cada um pudesse se servir em uma outra mesa preparada para isso. Rapidamente instaurou-se uma desordem para garantir um lugar na fila. Houve empurrões, discussões entre os alunos e alguns professores tiveram que sair da sala para ajudar na organização.

Assim que eram servidos, os alunos se dispersavam pelo pátio interno e pelo corredor e ficavam aguardando o término da festa. Não houve um encerramento oficial, os convidados se despediram da diretora, do coordenador e de alguns professores que estavam por ali e se foram. Às 11:30 tocou o sinal, e todos foram saindo. O palco, a platéia e a mesa ficaram montados para a celebração no turno vespertino.

A festa celebrava, através das imagens (cartazes e painéis) e das falas (discursos da diretora, vereador e convidados), uma junção entre religiosidade e cidadania. Essa conexão pode ser percebida, por exemplo, destacando a frase do painel móvel onde se lê: “*Precisamos nascer de novo para que um mundo novo aconteça*”. A religiosidade da Páscoa aparece propondo um renascimento para a construção de um mundo melhor para os cidadãos que nele vivem.

### **3.3. Festa das Mães: celebração do núcleo familiar.**

A Festa das Mães na escola foi celebrada bem depois da data oficial do dia das mães, que de acordo com o calendário brasileiro se comemora no segundo domingo de maio. Foi reservado um sábado, dia 29 de maio, para esta celebração. Esse dia foi considerado letivo. Obtive esta informação através do Plano Político Pedagógico da escola, que eu havia lido anteriormente.

No dia 24 de maio, segunda-feira, em uma das visitas à escola, percebi que os alunos não comentavam sobre esta festa. Com isso procurei a coordenação para saber se de fato a festa aconteceria. Nesta conversa fui informada pela diretora que tal festa não incluía a presença dos alunos. Ela estava sendo planejada apenas para as mães dos mesmos, e os alunos seriam comunicados um dia antes para que fizessem os convites em casa.

O motivo da exclusão dos alunos foi justificado pela programação que incluía um café da manhã para as homenageadas. Assim sendo, a presença dos alunos aumentaria os custos e inviabilizaria esta iniciativa. Esta celebração envolveria, em um único dia e horário, a comunidade escolar (mães de alunos, professores e funcionários da escola) dos três turnos de funcionamento.

Haveria também uma decoração para festa, onde a professora de inglês do noturno iria expor trabalhos de seus alunos nas paredes. Recebi também neste dia uma cópia da programação da festa, que segue:

- 8:00 – Café da Manhã
- 8:30 – Apresentação de dança – alunos de outra escola sob a responsabilidade da professora de Educação Física
- 8:40 – Sorteio de brindes para as mães
- 8:50 – apresentação do Grupo Folclórico 13 de Maio – dança afro-brasileira
- 9: 20 - Show com o cantor Laércio Correntina

O coordenador me informou que estava prevista a presença do vereador Djalma Araújo, articulador da construção da nova escola. Ele iria falar sobre o lançamento da pedra fundamental da obra, previsto para o dia primeiro de junho.

No sábado, chegando à escola as 8:00 horas, a encontrei vazia, o que me surpreendeu, uma vez que deveriam estar lá, os funcionários e professores dos três turnos juntamente com as mães dos alunos, as homenageadas. Deveria ter aproximadamente cinquenta pessoas no local.

Duas mesas estavam postas no pátio interno. Uma grande mesa no centro foi decorada com uma toalha branca e com dois arranjos de flores artificiais. Havia garrafas com chá e café, e a comida estava disposta em bandejas. Na parede direita do pátio foi colocada a segunda mesa decorada com uma toalha branca, servindo de aparador para os brindes que seriam sorteados durante a festa. Atrás da mesa principal estava o painel móvel decorado com um coração e ao redor vários bilhetinhos feitos por alunos, para as mães.(Figura 10)



**Figura 10 – Pátio interno – decoração**

As paredes do corredor que ficavam de frente para o pátio interno estavam decoradas em vários lugares com desenhos feitos pelos alunos do noturno. (Figura 11) Porém estes desenhos não tinham uma relação direta com a comemoração do dia das mães. Eram desenhos feitos em papel A4 com uma diversidade de temas (figura humana, paisagem, animais) e de técnicas utilizadas (lápis de cor, giz de cera, colagem). Eram muito coloridos e dispostos em arranjos aparentemente aleatórios, pois não consegui identificar semelhança temática, ou de outra natureza, na exposição dos mesmos. Entretanto todas as imagens tinham uma moldura branca feita de papel. A relação figura e fundo dos desenhos também foi cuidadosamente trabalhada. Em alguns blocos expostos

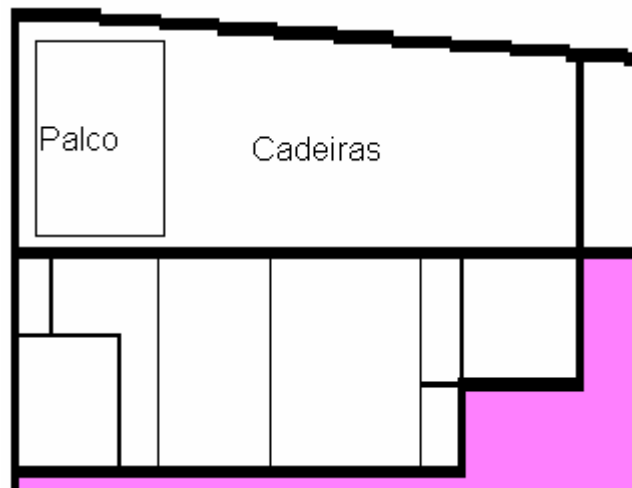
havia a identificação da turma que executara os desenhos. Os painéis de entrada e do corredor estavam sem nenhuma decoração.



**Figura 11 – Detalhe de uma parte da decoração**

Conforme a programação foi inicialmente oferecido o café da manhã e as mães eram servidas pelos funcionários e professores da escola a medida que se aproximavam da mesa. Neste momento iniciei a coleta de depoimentos de algumas pessoas que estavam ali participando. A decisão de coletar as impressões e opiniões dos participantes da festa durante sua realização foi tomada no decorrer do trabalho e passou a acontecer em todas as festas que a escola realizou a partir de então. Entretanto nesta primeira coleta consegui falar com apenas três pessoas, pois logo fomos chamados para nos deslocarmos para o pátio externo onde começariam as apresentações artísticas.

O pátio externo foi arrumado com cadeiras, e ao fundo foi deixado um espaço, reservado para as apresentações. Apesar de chamar este espaço de palco não havia um tablado ou algo do gênero: apenas uma pequena caixa de som com um microfone. Não havia decoração no pátio externo.



Esquema do pátio externo – Detalhe

O grupo de meninas dançarinas foi o primeiro a se apresentar. A apresentação consistia numa coreografia de dança do ventre, ensaiada pela professora de educação física com alunas de outra escola. As roupas das dançarinas eram coloridas e, conforme a professora me explicou, foram bordadas por elas (Figura 12). A grande caixa de som vista atrás na imagem foi trazida durante a apresentação e era parte da montagem para o show musical que viria a seguir.



**Figura 12 – Apresentação de Dança**

Assim que terminou o número de dança, foi feito o sorteio dos brindes. O grupo folclórico e o vereador não compareceram ao evento. Com isso a montagem do palco para a apresentação do cantor teve início e as pessoas aguardaram pacientemente sentadas.

O cantor se apresentou com um show de música popular brasileira de aproximadamente trinta minutos de duração. Após o show a diretora agradeceu a presença de todos e deu a comemoração por encerrada. Os professores e demais funcionários começaram a guardar o material utilizado na festa. Os desenhos afixados nas paredes ainda permaneceram mais alguns dias nos corredores. Numa espécie de prolongamento da celebração na rotina escolar.

### **3.4. Festa Junina: extrapolando os limites da escola.**

A festa junina foi realizada na escola, no dia 18 de junho de 2004, sexta-feira. O dia era letivo, no entanto os alunos foram informados que a celebração aconteceria a partir das 16:30 horas. Os três turnos, matutino, vespertino e noturno, participariam juntos e a decoração para a festa começaria às 8:00 da manhã. Os alunos foram convidados no dia anterior para ajudar na decoração da escola.

Quando cheguei, às 8:00h, havia alguns professores do turno matutino trabalhando na decoração da festa. Um grupo estava fechando a rua com arames e folhas secas de coqueiro, deixando apenas uma pequena passagem na lateral direita, onde seria a porta de entrada para a festividade. Outro grupo trabalhava colocando enfeites por cima das palhas de coqueiro e na grade que fica em volta da escola. (Ver Figura 13)



**Figura 13 – Entrada da Festa Junina**

Dentro da escola alguns professores e funcionários trabalhavam na cozinha fazendo comidas que mais tarde seriam vendidas. No pátio interno algumas barracas estavam sendo montadas. Perguntei ao coordenador sobre a programação e fui informada que não existia uma programação oficial. A festa estava organizada pela escola iniciando as 16:30h com apresentação de danças típicas dos alunos de menor faixa etária para os maiores. Ele não soube precisar quantas apresentações haveria no total. Acompanhei as montagens por mais algum tempo e fui embora.

Ao voltar, às 16:30h, observei que a escola já estava pronta para a festa. Estava sendo cobrado ingresso para as pessoas poderem entrar, no valor de R\$ 1,00. Os estudantes que estavam dançando, ou que estavam com trajes típicos não pagavam ingresso. Os demais pagavam meia entrada.

A decoração estava restrita ao pátio externo e a rua. Dentro da escola, nos corredores, salas de aula, painéis e pátio interno não havia nenhuma decoração. As grades que cercam a escola foram decoradas com enfeites coloridos feitos de papel crepom, formando uma espécie de corrente. No pátio externo foi colocado um varal de barbante, que atravessava algumas vezes a extensão do pátio, e no qual foram dependuradas várias folhas, tamanho A4. Estas folhas, de um lado continham a figura de um balão colorido pelos alunos, e de outro um texto que estes alunos escreveram sobre a festa junina (Figura 14). Este varal estava posicionado na altura dos olhos, para que as pessoas que passassem por ali, pudessem ler os textos. E o barbante seguia, acompanhando uma parte da parede externa da escola. No entanto, a altura do varal atrapalhava a passagem e por mais de uma

vez ouvi pessoas reclamando dele. Não observei, durante o tempo que estive na festa, nenhuma pessoa lendo as mensagens.



**Figura 14 – Varal de Balões**

Na rua foram colocadas várias bandeirinhas coloridas de um lado ao outro e alguns balões feitos pelos alunos com papel de seda sobre uma armação de madeira. Estes balões possuíam a parte inferior feita de papel de seda e a parte superior feita de barbante com bandeirinhas coladas (Figura 15).



**Figura 15 – Festa junina – Rua decorada**

Dentro de cada balão havia uma lâmpada que foi acesa ao escurecer, causando um belo efeito visual na decoração. Os balões foram feitos com a mesma técnica utilizada para confecção de um dos painéis do cenário da festa da Páscoa. As figuras, feitas de papel de seda, são coladas no papel que recobre cada lateral, previamente recortado como um molde vazado no mesmo formato da figura que será sobreposta, formando uma espécie de vitral. Os temas das imagens laterais eram sobre a festa, como bandeirinhas, chapéus, violões, entre outros (Figura 16).



**Figura 16 – Balões confeccionados pelos alunos**

No pátio externo havia barracas de brincadeiras e de vendas de comidas típicas. Todas estavam decoradas, ora com bonecos de papel, ora com bandeirinhas e flores de papel crepom (Figura 17).

Nas laterais da rua foram colocadas cadeiras para as pessoas assistirem as apresentações e dentro do pátio tinham algumas mesas para acomodar os presentes. As apresentações de dança atrasaram muito, iniciando após as 18:30, o que fez com que muitos pais reclamassem da demora. No entanto, este fato não chegou a afetar a dinâmica da festa, de modo que as crianças, os pais e todas as pessoas que participavam da festa circulavam por todo o espaço, comendo, bebendo e conversando uns com os outros.



**Figura 17 – Barracas do pátio externo**

A festa durou até as 21:00 horas, quando a diretora, ao microfone, agradeceu a presença de todos e deu a celebração por encerrada. A música, que desde o início da festa conferia a animação, foi desligada. As pessoas foram saindo lentamente e vários funcionários e professores, com a ajuda de alguns alunos, ainda permaneceram desmontando a estrutura da festa.

### **3.4. Festa dos Pais: a celebração (quase) se repete.**

A festa dos Pais aconteceu num sábado letivo posterior à data comemorativa oficial, o segundo domingo de agosto. Algumas características desta comemoração se assemelham bastante à Festa das Mães. A ocupação do espaço físico da escola foi a mesma, ou seja, pátios interno e externo. O único painel utilizado foi o móvel e a

programação também foi muito semelhante, excluindo a participação dos alunos, pelos mesmos motivos já apresentados na Festa das Mães. Não foi divulgada uma programação e a festa foi dividida em cinco momentos principais, foram eles:

- Café da manhã
- Apresentação de dança
- Fala do vereador e sorteio de brindes
- Apresentação de Teatro – Projeto Tendas Culturais
- Show musical

No dia 21 de agosto, cheguei à escola um pouco antes das 8:00h, e a mesa já estava arrumada para o café da manhã. Comecei então a coleta de depoimentos das pessoas que estavam participando, enquanto o café era servido. Havia poucos pais e em alguns casos eles estavam acompanhados das esposas.

A mesa estava decorada com uma toalha branca, garrafas de chá e café, e a comida que seria servida disposta em bandejas. Não tinha arranjo de flores ou outro enfeite. Os convidados se aproximavam da mesa e eram servidos pelos professores e funcionários da escola. Ao fundo encostada no muro estava uma outra mesa pequena arrumada com uma toalha branca e por cima copos descartáveis.(Figura 18)



**Figura 18 – Mesa do Café da manhã**

Ao fundo estava o painel móvel decorado com a imagem de um jogador de futebol vestido com o uniforme da seleção brasileira de futebol, contendo a frase: “*Papai você já fez muitos gols em minha vida*”. Em toda a volta do painel, formando uma moldura, foram colados pequenos bilhetes em formato de bola, confeccionados pelos alunos, que continham mensagens para os pais. Estes bilhetes eram feitos no mimeógrafo, portanto tinham a mesma forma. Mais uma vez os alunos buscaram soluções variadas na pintura de cada um deles, de maneira que não havia um igual a outro.(Figura 19). As paredes do corredor e nem o pátio externo não tinham decoração. Os painéis do corredor e da entrada também não estavam decorados.



**Figura 19 – Painel móvel**

Após o café, os participantes se dirigiram ao pátio externo que mais uma vez foi preparado com cadeiras e um espaço à frente para as apresentações. A programação transcorreu conforme o previsto. Inicialmente a apresentação de dança com as mesmas crianças da festa das mães. As roupas das dançarinas também não mudaram, mas a coreografia apresentada foi diferente (Figura 20). Nesta imagem, as crianças dançavam segurando taças com velas acesas.



**Figura 20 – Apresentação de dança**

A apresentação teatral, que se seguiu logo após a dança, foi realizada por um grupo de atores que fazem parte do Projeto Tendas Culturais. Este projeto é da prefeitura de Goiânia e percorre as escolas que foram cadastradas anteriormente, realizando diversas modalidades de performances culturais, como teatro, oficinas e shows musicais. Nesse dia três atores, um adulto e duas crianças, apresentaram uma peça de comédia voltada para o público infantil. Havia poucas crianças no local, no entanto os adultos também participavam do espetáculo que era muito interativo com o público (Figura 21)



**Figura 21 – Apresentação teatral**

Antes de iniciar o espetáculo, as pessoas presentes foram recolocando as cadeiras nas laterais do pátio, buscando locais com sombra. Por isso a apresentação teatral aconteceu neste espaço interno formado pela ausência das cadeiras e não à frente no local destinado ao palco.

Depois do teatro, houve um momento rápido de sorteio de brindes seguido da fala do vereador, que após cumprimentar os pais presentes falou da importância da família, do papel dos pais e pediu votos para sua reeleição. Encerrada sua fala, aconteceu mais um sorteio de brindes que, segundo informou a diretora a todos os presentes, foram doados pelo vereador que acabara de discursar.

Todos os pais presentes ganharam brindes que, como pude observar, eram jogos infantis. Durante o sorteio algumas mães receberam a prenda e diziam que a mereciam porque eram pais e mães de seus filhos. Isso se repetiu por umas três vezes.

Em seguida iniciou-se a apresentação musical, com duração aproximada de trinta minutos e que também foi trazida pelo Projeto Tendas Culturais. Terminado o show, a diretora agradeceu a participação de todos e encerrou a celebração. Os funcionários da escola permaneceram recolhendo as cadeiras e guardando os materiais utilizados na festa.

## **Capítulo 4**

### **4.1. Festas e Imagens: vínculos e rupturas entre cotidiano e extraordinário.**

Festas e Celebrações são situações que diferenciam o dia-a-dia e que se fazem presentes, marcando muitos momentos durante nossa vida. Constituem rituais ligados ao tempo e, como ritos, são definidas por meio de uma dialética que se estabelece entre o cotidiano e o extraordinário, um espaço temporal onde se busca transformar o individual no coletivo (DaMatta, 1997). São ritos que marcam passagens, mudanças ou suspensões de papéis sociais, celebrações e conquistas. As festas podem ampliar ou intensificar o significado de datas, privilegiar pessoas, grupos e acontecimentos que através delas são colocados em proeminência e sob regimes de atenção e valorização.

Situadas entre o cotidiano e o extraordinário, as festas podem incorporar traços de ambos: rotinas e imprevistos, hábitos e inventividade, fluxos e interrupções de ações. As festas agregam pessoas em ação e provocam variações e dispersões de condutas, comportamentos e idéias. Transportam o uno e o diverso a um mesmo espaço e acentuam o encontro de tempos diferenciados.

Na escola não é diferente. As festas ali não perdem estas características. Porém, os festejos escolares têm especificidades que adquirem significados especiais pela formas, contextos e circunstâncias em que acontecem. Fazem sentidos, constroem visões, desencadeiam interpretações. As comemorações escolares configuram, portanto, simbolismos próprios que permeiam a vida de alunos, professores, pais e outros participantes da comunidade escolar. Funcionários da escola, familiares e, em algumas ocasiões, representantes da administração pública municipal ou estadual ligados à escola fazem parte deste cenário híbrido que as festas promovem.

#### **4.1.1. Percursos do estudo a caminho de uma análise**

Festas e Celebrações fazem parte do processo de escolarização e têm espaço especial no calendário anual de atividades da escola. Desconheço uma escola que não inclua ou permita, na sua programação, a realização de festas. A comunidade, especialmente alunos e professores, se prepara e, muitas vezes, espera com ansiedade a realização dos festejos que a escola programa. Entretanto, como assinaléi anteriormente, as festas e as visualidades criadas para elas, ainda não foram tomadas como objeto de interesse de investigadores de práticas escolares.

A ausência na literatura educacional de uma discussão sobre as festas escolares pode ter várias explicações. Talvez, a mais forte delas seja a tendência de considerar que a festa não ensina, não faz pensar, não provoca transformações na vida escolar, ou se as provoca, perturbam o funcionamento da escola e o andamento das atividades. Sob esta visão, as festas seriam passageiras demais para criar algum sentido que importasse para a educação. Ligada a esta visão há, também, aquela que vê as festas como “puro” lazer, brincadeira, coisa não-séria e, portanto, desligada da cultura da escola que inclui regras, disciplinas e obrigações.

Outra explicação possível para o desinteresse pelas festas escolares é a dificuldade de captar suas motivações, percursos, processos e finalidades. A combinação de procedimentos metodológicos diferenciados – a observação antes, durante e depois das festas, a coleta de depoimentos dos participantes das festas durante sua realização e grupos focais com alunos – foi a abordagem que defini para enfrentar tal dificuldade.

Uma visão tendenciosa sobre as festas escolares e as dificuldades que rondam o estudo deste tópico deu a esta pesquisa um caráter de exploração e questionamento contínuos, tanto teórico quanto metodológico. De qualquer maneira, é claro para mim que os significados das festas escolares, os sentidos que criam para os participantes e para a escola, as formas e funções que as visualidades adquirem nestas circunstâncias e contextos ainda terão que ser construídos.

O empreendimento que esta investigação realiza é, portanto, iniciar a discussão e indicar algumas idéias que poderão ter continuidade em outros estudos. Além de buscar combinar procedimentos de coleta de dados, outra decisão para enfrentar as questões que me propus e que foram emergindo durante o processo de pesquisa foi interligar, nesta análise, os dados recolhidos a partir destes procedimentos com o intuito de construir imagens mais próximas e claras dos eventos que presenciei, das falas que ouvi e das observações que realizei. Esta análise apresenta, então, um leque de possibilidades resultante do cruzamento entre os dados, ressaltando aqueles sobre os quais encontrei saturação de informação (recorrências de tópicos), temas emergentes (idéias que surgiam a partir de um diálogo, durante uma festa ou que me eram indicadas por alguém) e pontos que foram refazendo minhas questões iniciais de investigação.

Relembrando rapidamente esta trajetória, iniciei este estudo questionando por que e como as imagens eram apresentadas na escola, especialmente em ambientes comuns como corredores e pátios, centrando meu foco nas circunstâncias criadas pelas festas e celebrações da escola. Questionava também as mudanças que aconteciam no ambiente/espço escolar, particularmente na decoração, para as Festas e Celebrações que realizavam. Outro interesse que me movia para a investigação era compreender como alunos, funcionários, professores e pais percebiam e interagiam com tais representações durante aqueles momentos especiais que a escola organizava.

No decorrer do estudo, um deslocamento e ampliação de foco foi ficando evidente, já que elos mais fortes entre imagem-festa-escola mostravam a necessidade de uma discussão que partisse de um olhar diferente daquele que me levou a desenvolver esta pesquisa. Nesse caminho, as *Festas e Celebrações* apareceram como eixo a partir do qual as expectativas em torno destes acontecimentos, os modos de trabalho que os precedia e os significados que ganhavam para diferentes grupos projetavam “imagens” contundentes sobre a vida da e na escola.

As imagens – trabalhos confeccionados e expostos na escola, as produções concretas que as festas utilizam – decoravam e ornamentavam não apenas ambientes, mas um “ideário” que reunia, dentre outros aspectos, perspectivas sobre educação, escola, aprendizagem, relação professor(a)-aluno(a) e família-escola. A vivência na escola e a convivência com alunos, professores e pais durante as festas e celebrações me mostraram a importância de inserir imagens usadas nas festas num contexto mais amplo de “imagens” sobre educação e escolarização.

Nesse itinerário da pesquisa, a abordagem qualitativa que orienta o trabalho ganhou uma dimensão claramente intuitiva que significava entrelaçar pensamento e sentimento de forma mais aparente, sem receio de “macular” o processo de coleta e as relações que iam sendo criadas com os participantes da pesquisa. As experiências que as festas e celebrações ofereciam – a escola decorada, programação alternativa, comida, som, interação (com limites às vezes fluidos de tempo e espaço) – me faziam perseguir outros sentidos para que elas acontecessem na escola.

Muitas das indagações que este estudo discute surgiram das percepções imediatas trazidas por aquelas experiências: Por que as festas e celebrações assumem um espaço (na programação dos professores, no calendário, na projeção de recursos, na interação com a comunidade...) tão importante e persistente nas escolas? Que funções as festas e as imagens adquirem neste contexto? De que maneiras o cotidiano escolar faz uma mescla com estes eventos? Além de responsabilizados pela decoração das festas, que outras razões levariam muitos professores de arte a resistirem a elas? Paralelamente a estas questões, minha intuição apontava para possíveis futuros: Que possibilidades educativas, especificamente de educação visual, as festas podem oferecer?

#### **4.1.2. Intuições de percurso, análise e reflexões recorrentes**

Mais que apresentar ‘resultados’ e ‘achados’, esta análise reflete minhas inquietações e dúvidas sobre um tema que assumi o desafio de explorar. Início com uma discussão sobre o caráter geral das festas, particularizando instâncias deste caráter nas festas escolares. Destaco pontos que sintetizam as principais características das Festas e Celebrações na escola, analisando como estes pontos se constituem naquele ambiente.

Chamo a atenção para as contradições que a prática de festejar torna visível produzindo uma mistura de motivações, sensações e idéias que impregna a escola de novos sentidos.

Nessa discussão, analiso como as visualidades se inserem na relação entre a cotidianidade da escola e o acontecimento das festas. Destaco o fato de que as visualidades das festas não liquidam o cotidiano. Elas o reposicionam, reabilitam-no e reinscrevem-no em um novo contexto, compartilhado nos momentos de festa por uma comunidade mais ampla para a qual fica constituída uma chance de rever idéias sobre a escola e a aprendizagem.

Na última parte da análise, discuto outro tipo de “imagem” que este estudo também explorou, qual seja, “imagens” sobre como as festas poderiam ou deveriam ser caso os alunos fossem os responsáveis por sua realização. Convidados a se colocarem sob uma condição hipotética – “se” pudessem realizar estes eventos na escola – os estudantes da sala que acompanhei pensaram sobre o tema, contribuindo para minhas reflexões sobre as relações entre imagem-festa-escola. Se este estudo explora um tema ainda não discutido na literatura da área (educação e educação visual) e se os alunos são (devem ser?) os motivadores e beneficiados dos festejos escolares, entendi que pedir a colaboração deles era fundamental para criar alternativas de reflexão sobre esta prática tão comum e persistente na escola.

A idéia central que acompanha a realização de festas e celebrações é a possibilidade de congregar, reunir e integrar pessoas num determinado tempo e espaço. Martin-Barbero (1997) discute o “tempo denso das festas” e explica que esta condição resulta do fato de que o tempo é “denso enquanto carregado pelo máximo de participação, de vida coletiva” (p.142). As festas escolares – sua programação, preparativos, decoração, organização e realização – criam este espírito de conagraçamento em que ficam salientadas as trocas e ações coletivas.

Comparando as quatro festas que observei para este estudo – Festa das Mães, Festa da Páscoa, Festa Junina e Festa dos Pais – é possível estabelecer uma distinção em relação à forma que estas comemorações adquirem de acordo com as circunstâncias que criam e a maneira como são vivenciadas. As Festas das Mães, dos Pais e da Páscoa podem ser caracterizadas por um princípio comum que é o da *Celebração*. A Festa Junina difere deste caráter e pode ser considerada mais propriamente como *Festa*. Faço primeiro um detalhamento das ‘festas de família’ e, em seguida, da festa junina.

## 4.2. Mães e Pais sim, filhos não...

A Festa das Mães e a Festa dos Pais cujo propósito é exaltar o núcleo familiar com destaque para homenagear os membros centrais desse núcleo (Pai e Mãe), constituem, como ressaltai, há pouco, festas de caráter mais *celebrativo*, nas quais a solenidade e a formalidade regulam as interações do encontro, pelo menos em grande parte do acontecimento. Aponto adiante alguns aspectos que contribuem para a construção desta caracterização que apresento.

Estas duas festas foram integralmente organizadas pela coordenação e direção da escola, sem a participação de outros professores ou alunos. O dia escolhido para as comemorações foi o sábado pela manhã, dia que a escola normalmente ficada fechada. A programação de ambas as festas (Mãe e Pai) era idêntica: iniciaram com um café da manhã seguido de apresentações de dança, sorteio de brindes e terminaram com um show musical. A mesa do café da manha – montada através da junção de várias mesas pequenas - demonstrava a preocupação da escola em criar um ambiente visualmente especial para esta celebração: toalha longa, branca, rendada sobre uma mesa comprida, bandejas com frutas e outros alimentos foram dispostas/organizadas, flores arrumadas e localizadas nas laterais. Na parede ao lado, está outra mesa forrada de branco, e com os brindes que seriam sorteados durante o evento.



Festa das Mães - mesa

A mesa assim arrumada, apesar de criar uma pompa e imponência para o espaço e para a celebração, evidencia um intenso contraste com o contexto ao seu redor. Como é possível perceber através da imagem, o estado físico do espaço do pátio interno onde as mesas foram colocadas, encontra-se bastante deteriorado, sujo e descuidado. A longa toalha limpa e branca naquele espaço impõe um ‘estado visual’ de embate entre o dia-a-dia danificado e a celebração ornamentada.

Os brindes sorteados nas duas festas foram doados por um vereador. A presença deste vereador na Festa das Mães era aguardada mas ele não compareceu e nem justificou sua ausência. Na programação da Festa dos Pais ele teve um espaço para falar aos presentes. Esse discurso de ‘autoridade’ reforça a formalidade da festa. Este vereador é a figura pública que está articulando junto ao governo municipal a construção de uma nova escola, algo muito aguardado por toda essa comunidade escolar. Além de autoridade, ele personaliza a esperança por um espaço melhor, mais adequado, necessário à melhoria das condições de funcionamento da escola. Sua presença, então, agrega ainda mais sentido à solenidade da festa.

Apesar das mesas postas e decoradas e do painel móvel localizado na parede do fundo do pátio – em ambas as celebrações – apenas a Festa das Mães possui outros tipos de visualidades. Nesta festa foram colocados trabalhos de alunos nas paredes do corredor interno. Estes trabalhos, foram feitos pelos alunos do noturno, e não faziam nenhuma referência a data que estava sendo celebrada. No entanto, foram colocados no dia da Festa das Mães mudando a visualidade do corredor da escola e permaneceram ainda, alguns dias após a comemoração. Na Festa dos Pais não havia nenhum elemento visual afixado nas paredes.

Um dado significativo sobre estas duas festas – (Mães e Pais) – foi que os alunos não foram chamados. Não participaram das preparações, não opinaram sobre a programação e nem compareceram à celebração. As alunas do grupo de dança, bem como os jovens que realizaram a apresentação teatral, eram de outra escola e foram convidados pela professora de educação física. O motivo para não convidar os alunos, segundo informou a diretora da escola, foi econômico. A escola não teria dinheiro suficiente para oferecer o café da manhã se os alunos participassem. Como o propósito de realização destas festas, expressado pela diretora e coordenador da escola durante a fala de abertura da celebração, seria a aproximação da família com a escola e se são eles, os alunos, o elo

primeiro – e constante - da escola com a família, como compreender sua ausência nestas festas?

A falta de dinheiro das escolas é fato e esta condição deve ser sempre considerada quando estamos perseguindo estudar a visualidade das escolas, seja em momentos de festejos ou não. Todas as celebrações e festas que a escola realiza dependem de um empenho extra de trabalho e compromisso – voluntário - decorrente da falta de recursos para viabilizar estas iniciativas. Porém, em outras ocasiões festivas há um empenho da escola para levantar os recursos (com alunos, pais, professores) necessários para realizar o evento. Parece-me que, em se tratando de estreitar os vínculos entre escola e família, seria mais importante e justificável que tal empenho ocorresse na ocasião destas festas. Mais adiante, quando analiso os dados coletados durante o grupo focal realizado com os alunos da 6ª série, destaco um comentário freqüente, de vários alunos, sobre não estarem presentes nestas festas.

#### **4.3. A Páscoa: Jesus é um coelho?**

A Festa da Páscoa também pode ser considerada uma *Celebração* levando em conta a mesma característica apontada em relação às festas das mães e pais, ou seja, a maneira formal e solene que acompanha sua realização. O processo começou com os alunos saindo das suas salas de aula, cada grupo acompanhado de seu professor/a. Em ordem e organizados saíam das salas de aula e iam até o local escolhido e arrumado para o evento. A arrumação desta parte do espaço para onde os alunos e alunas foram levados repetia o de uma sala de aula convencional: cadeiras dispostas lado a lado e enfileiradas uma atrás da outra. Definia-se, a partir desta organização, um palco e uma audiência, como mostra a imagem abaixo.



**Festa da Páscoa – palco e audiência**

Aguardaram sentados, durante aproximadamente quinze minutos, o início da celebração que foi liderado pela diretora da escola, que explicou o caráter cristão da data comemorativa e ressaltou a importância de se praticar conceitos como cidadania, partilha, comunhão, fraternidade, amor e paz, entre outros. A escola, como já foi detalhado no capítulo anterior, estava completamente vestida de imagens relativas à data – desenhos, recortes de revista, cartazes, imersa numa profusão de visualidades cujo elemento principal era o coelho. Não registrei, em nenhum momento da celebração, alguma menção à figura do coelho. Por um lado, aparece recorrentemente como imagem - cansativamente, eu diria - por outro, desaparece como elemento dos discursos verbais que acompanham a celebração.

A visualidade da festa, chamada de decoração pela comunidade escolar, estava dirigida para a temática da Páscoa, festa que hoje celebra a ressurreição de Jesus Cristo mas que tem origem na idade média com as festas da primavera do hemisfério norte (Itani, 2003). O coelho e o ovo, que aparecem como elementos dominantes na visualidade que a escola recria, são usados nesta data comemorativa como símbolos de fertilidade e renascimento desde a antiguidade. Apesar das mensagens em alguns cartazes fazerem alusão ao ideário cristão, e em dois cartazes serem mostrados o pão e o vinho que relembram a história bíblica da morte e ressurreição de Cristo, o discurso verbal era desviado pelo discurso visual, pois neste último a imagem do coelho tinha hegemonia, seguida do ovo de páscoa.

Tenho a compreensão de que as visualidades que nos rodeiam, nos ensinam. Como, porque, o quê, e outras questões pertinentes a esta discussão sobre os ensinamentos provenientes das nossas relações com as imagens são assuntos complexos e que vão além dos limites propostos para este trabalho. No caso da Festa da Páscoa chamei atenção para a recorrência das imagens de coelho, dispostas tanto isoladamente como acompanhadas de outros elementos. A reflexão que esta celebração provocou em mim vem de duas fontes. Uma ligada ao universo variado de alunos que freqüenta a escola e outra baseada num relato feito pela Diretora.

Nesta escola estudam crianças ainda em fase de pré-alfabetização e que, portanto, não conseguem ler as mensagens dos cartazes ou, em muitos casos, lêem, mas não as compreendem. Que significados o cálice, a uva, o trigo, o pão, e, especialmente, o coelho podem ter para estas crianças? O relato da diretora da escola feito, em tom de anedota, alguns dias depois da celebração da Páscoa, me deixou intrigada e atenta para esta questão. Ela me relatou que no dia da comemoração foi questionada por algumas crianças do período vespertino que perguntaram, com curiosidade, se *“Jesus era um coelho”*. Apesar de cômica, a fala destes alunos explicita um descompasso entre o que a escola diz, o que pretende ‘transmitir’ através da celebração, e o que mostra visualmente. A relação direta que as crianças criaram entre as imagens e a celebração aponta para a importância que as imagens adquirem neste contexto.

Ainda em relação às imagens da Festa da Páscoa, quero também neste ponto levantar uma questão acerca de um tipo de visualidade muito comum nas escolas, aquela constituída de desenhos reproduzidos por mimeógrafos ou máquina equivalente, como no caso do varal de coelhos. Segundo Martins (2005) esses desenhos reproduzidos fazem parte de uma concepção de ensino-aprendizagem que se fundamenta na imitação, muitas vezes de um modelo proposto ou fornecido pelo professor. Nas artes visuais, no Brasil, tal concepção de ensino foi trazida pela Missão Francesa, no início do século XIX, quando foi fundada a então Escola Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ainda segundo a autora, o ensino praticado ali serviu de inspiração para a organização do ensino de Desenho nas Escolas Normais, que se consolidaram nas décadas seguintes, formando as bases dessa visão do ensino de desenho para a formação dos professores. Essa concepção perdura ainda na atualidade. É importante destacar que os professores ensinam assim porque aprenderam assim.



**Imagem - Festa da Páscoa - Varal de Coelhos**

Ocorre, no entanto, que apesar da padronização oferecida pelo professor – no caso, a cara do coelho dispostas em um varal – os alunos não ficam passivos a esse estímulo visual e reagem a ele. Recebido o modelo, o que observei foi que cada sujeito participante interfere nele, imprimindo sua marca. Neste processo, o modelo condiciona, sim, as aprendizagens do aluno, mas não de modo linear. Porque ele responde ao modelo fazendo uso, também de todas as suas experiências e vivências. Por isso, como mostra a imagem acima, os coelhos, traços reproduzidos, reservam espaço para a marca individual e subjetiva de cada criança.

#### **4.4. A escola e a rua: festejando uma parceria**

A Festa Junina se diferencia das demais em razão da maneira como foi realizada. Em primeiro lugar, é possível chamá-la apropriadamente de *Festa*, pois é marcada pela alegria e pelo propósito de divertimento. Foi também a única festa em que se extrapolou o espaço físico da escola, ampliando-o para incluir o espaço da rua. Reuniu os três turnos e toda comunidade escolar num horário intermediário, começando as 16:30

horas de uma sexta-feira e sem horário previsto para encerrar. Por último, os alunos chegavam acompanhados ou não de seus responsáveis e se movimentavam no espaço, ou se acomodavam onde queriam sem nenhuma definição prévia de lugar específico para grupos distintos (alunos, professores, pais, responsáveis) por parte da coordenação/direção da escola.

A Festa Junina foi a que mais apresentou elementos visuais. Por todo o pátio externo havia barracas decoradas com flores de papel, fitas e bandeirinhas típicas. A rua foi toda cercada com folhas de coqueiro e estas folhas enfeitadas com flores de papel. Os elementos que mais chamavam a atenção, e foi citado por várias pessoas nos depoimentos, eram os balões iluminados. Estes balões foram confeccionados pelos alunos durante as aulas de arte do mês de junho e demarcavam o espaço onde seriam realizadas as apresentações de dança. A rua, bem como o pátio externo da escola, foram organizados visualmente para contextualizar o espírito da festa. As visualidades definiam os locais de circulação das pessoas e apresentava os ambientes onde a festa aconteceria. Dentro da escola, no pátio interno, não havia decoração, e talvez por isso, as pessoas não permaneciam por ali.



**Festa Junina - rua**

Um autor que serve de referência para analisar estas festas é Roberto DaMatta, especificamente em seu trabalho intitulado *Carnavais, malandros e Heróis* (1991). Ele estabelece a diferenciação entre a Parada Militar e o Carnaval, duas comemorações

nacionais sobre as quais ele discute “com relativa segurança (mas nunca com plena certeza) os mecanismos básicos daquilo que se convencionou classificar como ritual ou ritualização” (p.45). Este autor acredita que como rito estas comemorações comportam a possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade.

As Festas e Celebrações que acontecem na escola guardam semelhanças com estes dois ritos brasileiros. As três *Celebrações* com as quais inicio esta análise – Festa das Mães, Festa dos Pais e Festa da Páscoa – são marcadamente solenes e dominadas pelo planejamento e pelo respeito. Como na parada militar a “organização do ritual cabe aos poderes constituídos (...) e o povo faz papel de assistente” (DaMatta, 1991, p.56), na escola a organização destas festas é da coordenação e os alunos e/ou convidados apenas assistem à comemoração. Apesar da participação dos alunos e professores na produção da visualidade que estabelece os cenários das festas, a organização daquilo que deverá acontecer é exclusiva dos ‘*poderes constituídos*’ da escola – direção e coordenação. A Festa Junina, no entanto, pode ser aproximada das características do Carnaval conforme analisado por DaMatta. Ela foi notadamente marcada “pela brincadeira, diversão e/ou licença, ou seja, situações em que o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora” (1991, p.49).

#### **4.5. Mecanismos básicos que se entrelaçam nas festas...**

Entretanto, estas características dominantes em cada comemoração na escola, seja ela de solenidade ou de diversão, não são excludentes. Como no estudo comparativo da parada militar e do carnaval (DaMatta, 1991), as festas ‘solenes’ da escola também acomodam momentos de descontração e alegria, principalmente observados quando se aproxima o fim de cada Celebração. Isso é claro tanto no caso das festas das mães e dos pais – que ao final estavam visivelmente mais à vontade para conversar, interagir com professores, aproximar de conhecidos – quanto na festa da páscoa em relação à participação dos alunos.

Para mim, um ponto de reflexão sobre estes momentos é que, na escola, a descontração e alegria dos alunos ganham rapidamente uma conotação de desordem, seguida pela tentativa dos professores de reorganiza-los e regular seus comportamentos. Talvez isso aconteça em consequência do reduzido espaço da escola e das poucas oportunidades que alunos e alunas têm para compartilhar momentos que não estão regradados

pelo horário rígido e fragmentado das aulas e recreio. A recorrente referência à violência na escola, feita por matérias jornalísticas, artigos de diversas naturezas e mesmo estudo de cunho científico, talvez contribua para explicar porque a “*suspensão temporária das regras*” que DaMatta aponta parece se configurar, naquele ambiente, por uma *suspensão apenas parcial e temporária de regras*.

No caso da Festa da Páscoa esse momento de *brincadeira, diversão e/ou licença* se deu na partilha do pão e do suco de uva. Os alunos deveriam deixar seus lugares para receberem a comida, mas eles saíram de seus lugares e avançaram à mesa para serem servidos, gerando confusão, empurra-empurra e um certo desconforto daqueles que cuidavam da organização do evento. Apesar da Festa Junina estar marcada pela alegria e pelo propósito de divertimento, conforme comento anteriormente, ela também mistura, em alguma medida, os contrastes que DaMatta estabelece. A festa Junina não exclui, portanto, momentos de planejamento e respeito, um certo ar de solenidade. Isto é aparente durante a organização das turmas para o momento da quadrilha e sua conseqüente realização. Neste processo observei um controle direto das ações dos participantes, planejamento e organização.

As Festas e Celebrações na escola também favorecem a realização de ações aceitas como válidas para a sustentação de um sistema de relações que visa reunir, integrar e congregar os participantes, antes, durante e depois de sua realização. A interação e comunicação que a festa permite também geram uma memória que se estende a momentos posteriores. Lembranças, expectativas e imprevistos são recriados depois que as festas terminam e a rotina escolar volta ao ‘normal’.

#### **4.6. As vozes dos participantes e os sentidos das festas**

São vários os depoimentos de professores, alunos e pais que chamam a atenção para este fato. Alguns reforçam de tal maneira esta condição participativa e coletiva da festa que afirmam ser esta a principal razão de ser e o motivo pelo qual as festas acontecem na escola. Uma professora comenta que “*há uma integração do próprio grupo quando há esse tipo de celebração, os professores vêm de todos os turnos aí nós passamos a ser um só coletivo*”. Nem todas as festas têm a participação de professores de diferentes turnos, mas pelo menos numa delas – a Festa Junina – ocorreu esta reunião. É

muitas vezes na festa que os professores de uma mesma escola se encontram pela primeira vez.

Outra professora resume o sentido da festa da seguinte maneira: é o “*único momento que possibilita, eu acho, a escola formar uma unidade porque ela não é uma unidade*”. A condição coletiva e participativa da festa é contraposta à outra condição existente num tempo diferente daquele da festa. A sensação de unidade é parte da festa, porém esta unidade não é constantemente percebida e tal ausência não é apagada pela festa. Mais adiante discutiremos esta e outras contradições que as festas tornam visíveis, elaborando sobre o caráter ‘*multivalente*’ que elas constroem nas escolas.

Entretanto, é importante observar que a experiência de participação e coletivização que a festa promove é expressa não só pelos professores, mas também por vários pais e alunos. Uma mãe avalia estes eventos dizendo “*acho importante porque é o momento da gente estar conhecendo outros pais e estar assim mais unidos, é uma confraternização muito importante. Eu gosto e sempre participo*”. Mais uma vez a união, mesmo que temporária, marca a lembrança que os pais guardam das festas e os incentiva a participar. Um aluno reforça este sentido inserindo uma idéia que fortalece a união, a participação e a coletivização. Ele diz que as festas contribuem para “*as comunicações com as pessoas, isso é muito bom*”.

Parece que o aluno entende que a participação e a vida coletiva não garante a comunicação entre os distintos grupos que se encontram nas festas. Porém, ele atenta para o fato de que, nas festas escolares, há, junto com a participação e coletivização da experiência, a possibilidade de comunicação entre os participantes. A participação e a vida coletiva que caracteriza o tempo denso das festas particulariza estas situações em meio ao emaranhado de outras experiências que a escola abriga.

A festa, como espaço para comunicação, pode ser vista em conjunto com a idéia de socialização, também enfatizada pelos participantes desta pesquisa. Uma mãe comenta que “*às vezes mãe que o filho foi colega da minha menina lá na primeira série e eu nunca mais vi e nessas reuniões a gente se encontra, conversa*”. A festa permite o reencontro, o tempo para a conversa. A comunicação que a festa permite cria um sentimento de igualdade, como se as diferenças fossem minimizadas ou ficassem ocultas pelo caráter “extra-ordinário” que a festa estabelece.

Uma professora analisa que “*o momento de uma festividade, mesmo celebrando uma festa junina, e com mães, principalmente, todo mundo se integra, fala*

*acho que uma linguagem só...”. A comunicação não se restringe aos pais e professores apesar de que este tema aparece com mais frequência nos depoimentos de pais e mães. A renovação do sentido da comunicação durante as festas escolares é cuidadosamente elaborada por um pai que coloca lado a lado a situação cotidiana e a da festa: “É importante porque a gente tem um contato com o professor, né? Normalmente nos dias de aula é difícil, o professor está na sala de aula; às vezes o pai quer vir saber alguma coisa e o professor não vai deixar de dar aula pra dar atenção pro pai. Ele dá atenção, mas aquele mínimo”.*

A possibilidade de comunicação também é razão para professores e alunos considerarem as festas um momento especial da convivência escolar. Para uma professora de classe que não estava envolvida nos preparativos de apresentações para a festa, a comunicação entre ela e os alunos cresce, passa a envolver outros assuntos e interesses: *“a criança, a gente se envolve muito com ela, tudo que ela faz, se ela está ensaiando quadrilha ela conta, ela pede para a gente ver, conta, comenta”.*

A festa cria, portanto, uma possibilidade de comunicação em “rede”, que aproxima os vários grupos que formam a comunidade escolar. Um pai é explícito sobre isso quando diz o motivo pelo qual as festas na escola são momentos importantes para todos: *“É mais o fato da gente poder fazer novas amizades com os pais de outros alunos e conhecer outros alunos também.”*

Participação, vida coletiva, comunicação e socialização: estas são as razões mais destacadas para o acontecimento festivo. Cada uma se entrelaça com a outra, fortalecendo-a, tornando a festa um momento de renovação dos sentidos da escola e da comunidade que ela integra. Uma professora resume estas idéias e coloca a festa também em perspectiva com o cotidiano dizendo: *“Eu acho que é uma atividade mais de socialização. Por mais que a gente tente fazer nas aulas, no dia-a-dia, também um momento de socialização, eu acho que na festa os alunos conversam mais entre si, eles estão com a cabeça mais despreocupada daquela coisa de estudo (...)”.*

Não há, entretanto, na festa, um mundo extraordinário desconectado do ordinário, cotidiano. Este clima de tempo denso das festas é dialético no sentido de que as oposições – que instauram correlações e não antagonismos – entre festa e cotidiano não excluem oposições internas, em cada uma dessas situações. Isso quer dizer que do mesmo modo que o cotidiano é percebido, sentido e interpretado de várias posições e perspectivas

(de sujeitos, de grupos), ou seja, é múltiplo, também sobre as festas encontramos olhares diferenciados.

Alguns professores questionam a realização das festas justamente porque nem todos participam e o clima é, muitas vezes, de ansiedade, de ruptura entre participantes. Para alguns, prevalece um certo “*espírito de farsa*” no sentido de que não existe a pretendida integração, se é observada em profundidade. Também alguns pais reclamam da pouca participação de seu grupo entendendo que tal ausência atrapalha a escola.

Entretanto, ao mesmo tempo em que chamam a atenção para estes problemas, reforçam a posição da escola, a necessidade de aproximação dos grupos com as iniciativas que a escola propõe. Por ocasião da Festa das Mães, a mãe de uma aluna comenta: “*eu acho muito ruim porque muitas mães não vêm, muitas mães não participam, igual hoje tinha que ter muitas mães... olha o pouquinho que tem*”.

Fica claro que há tentativas de união, de integração, mas nem sempre é isso que ocorre. Segundo um professor que trabalha há anos na escola, durante as festas, “*tenta-se dar uma cara pra escola, criar um ambiente e tal, mas isso são muito poucos aqui...*”. Para este professor, essa não é uma atitude que todos compartilhem. Uma explicação para isso é dada por uma professora: “*a expectativa é tão grande que muitas pessoas ficam apavoradas demais e acabam falando, se alterando (...) Elas se alteram mesmo, ficam agoniadas porque a responsabilidade, o medo de não sair tudo em tempo deixa as pessoas muito aguçadas*”.

Os alunos também sentem estes distúrbios que fazem da festa um tempo preenchido de sensações diversas. Um deles reclama: “*Falta mais participação, sem briga. Ser mais fraterno, porque tem muita gente que briga, machuca um ao outro...*” Sua fala reúne ausência e desejo, inscrevendo, em relação à festa uma vontade de conagração, de aproximação. A percepção de que a escola precisa da participação de todos é reafirmada por um pai que comenta esta situação dizendo que chama a atenção “*a pouca participação dos pais nestes eventos ... uma escola dessa que tem dez salas e poucos pais que participam. É muito importante nos dias atuais essa participação dos pais, professores e alunos, os filhos*”. A importância de que a escola expanda seus vínculos com a comunidade é ressaltada nesta fala, indicando que as festas são uma prática que pode possibilitar a conquista desse objetivo satisfazendo, em alguma medida, esta necessidade.

Entretanto, a dialética entre cotidiano e extraordinário que a festa estabelece, conforme analisa DaMatta (1997), intensifica um jogo no qual nenhuma condição suplanta a outra, nenhuma parte ganha. Ambas ficam evidenciadas.

Martin-Barbero (1997, p.142) explica com clareza esta dialética afirmando que “a festa não se constitui, contudo, por oposição à cotidianidade; é antes, aquilo que renova seu sentido, como se a cotidianidade o desgastasse e periodicamente a festa viesse a recarregá-lo novamente no sentido de pertencimento à comunidade”. As festas analisadas neste estudo oferecem oportunidade de discutir em detalhes esta afirmação.

Após estas considerações sobre a condição participativa e coletiva que as festas e celebrações instauram, passo a destacar quatro pontos que sintetizam as principais características destas comemorações e que permitem analisá-las em termos da dialética entre cotidianidade e o extraordinário.

#### **4.6.1. Enlaces entre cotidiano e extraordinário**

A participação e a vida coletiva que distinguem o tempo denso da festa não se estabelece sem contrastes e contradições. Há tensão, inquietudes e decepções nestes processos de preparar e fazer a festa acontecer. Destaco em primeiro lugar, de um lado, a *interação e integração* que podem advir deste caráter participativo e coletivo e, de outro, o *isolamento* que as festas ajudam a estampar em relação à cotidianidade. A fala de uma professora citada anteriormente que diz que a escola “*não é uma unidade*” é representativa desta tensão que a escola cria entre a integração e o isolamento dos participantes. Outro exemplo que descreve esta situação de isolamento evidenciada quando da realização das festas é descrita por uma professora da seguinte maneira: “*Sempre tem aquela pessoa que gosta mais de ficar num cantinho, não está muito interessada em ajudar; acho que o desagradável é isso: a gente não poder contar totalmente com o grupo*”.

Ao comentar sobre as situações de festejos na escola, uma professora comenta que na festa “*Não ficou cada um trancado em seu mundinho diário, hoje nós somos juntos, pensamos juntos, eu acho que isso que é produtivo*”. O “*mundinho diário*” renova seu

sentido através da denúncia sobre o isolamento que constitui o cotidiano dos professores. O produtivo é *'ser junto'*, *'pensar junto'* – assim a escola torna a pertencer à sua comunidade. As Festas e Celebrações têm esta característica: pressupõem uma disposição positiva de toda escola para que estes eventos aconteçam, com mudança de horários, troca de professores, trabalhos extraclasse, financiamento e arrecadação de dinheiro para sua realização.

Esta mesma professora analisa que a festa é positiva para a escola, faz uma diferença na vida dos professores. Para ela, *“é isso que eu vejo a diferença, porque antes cada um entrava numa sala e dava sua aula e de lá saía, quando chegava a hora, terminou o horário ia embora. Hoje não, hoje nós trabalhamos juntos, dividindo tarefas e isso fortalece”*. Há um ideal de união, de força, de integração e interação que reaparece através dos preparativos para as festas e de sua realização. Os sentidos de comunidade, de trabalho conjunto e de parceria ficam renovados.

As festas podem ser vistas, então, como uma oportunidade para repensar o dia-a-dia da escola. Por meio delas, os desgastes do cotidiano ganham uma dimensão que propicia o diálogo. Porém, isso não significa que as festas levem os participantes a aproveitar da oportunidade. Quase sempre o tempo denso das festas cria essas sensações e expectativas, mas o peso do cotidiano e seu retorno implacável fazem, na maioria das vezes, calar tal possibilidade.

Enquanto desenvolvia o trabalho de campo freqüentemente me perguntava até que ponto os professores tinham consciência desse desejo de renovação do sentido de pertencimento à escola que os fazia unir forças para a realização das festas. Um professor me disse que ficava feliz porque via *“todo mundo junto, trabalhando junto, divisão de tarefas, cada grupo ficou responsável por uma coisa...”* Em suas circunstâncias temporais e espaciais, as festas representam esta face da escola na qual, em sua dimensão coletiva, os “fazeres” são distribuídos visando à união dos sujeitos em torno de objetivos e interesses comuns.

Porém, o sentido das festas é muitas vezes contraditório para os próprios participantes. A este respeito, outro professor ponderou: *“Eu só questiono muitas vezes o esforço físico, o tempo que você despense em torno de uma apresentação dessa, você pára seu conteúdo, você pára um monte de coisa que está acontecendo na escola em torno de uma data comemorativa, em torno de um negócio que muitas vezes, cai meio de enfiada.”*

Com a fala deste professor posso lembrar inúmeras observações que ouvi de outros professores e professoras, colegas em diferentes escolas por onde já passei.

Fica ressaltado, portanto, a idéia de que a escola deve, obrigatoriamente, fazer determinadas festas – quase sempre as mesmas – sempre contando com a disponibilidade dos professores para alterar sua programação, somar responsabilidades, resolver questões extraclasse e ‘adotar’ o *script* que a escola estabelece. Talvez seja esta pré-fixação de temas e condições a serem festejados o que mais perturbe e desagrade aos professores. É como se, mais uma vez, eles fossem destituídos de sua autonomia (relativa) e obrigados a abrir caminhos impostos na história de sua vida profissional, sem participarem diretamente ou promoverem a participação dos alunos.

Para esse professor é “*interessante ter esses momentos, mas...*” segundo ele complementa, “*acho que se desprende energia demais em torno de uma coisa que pedagogicamente você não tem esse retorno todo*”. Não é comum entre as observações de professores, alunos e pais, uma preocupação explícita com um retorno pedagógico das festas. Entretanto, a idéia de que a *feira ensina* deflagra muitos comentários dos participantes. Tais comentários me permitiram compreender que em relação à aprendizagem também é rica a idéia de “rede”: não há, nas festas, um ponto fixo a partir do qual a aprendizagem parta ou para o qual ela se destine. As festas ensinam por meio das múltiplas relações entre pessoas, tempos e espaços que as configuram.

#### **4.6.2. E as festas ensinam...**

Este é mais um ponto que destaco nesta análise. Entendendo que as festas constituem um tipo de *currículo paralelo* – agregado ao oficial – que a escola produz para e com os alunos, a preocupação com os tipos de aprendizagem que elas deflagram faz sentido na preparação e realização das festas. Porém, se penso num currículo “vagamundo”<sup>1</sup>, como sugere Silva e Corazza (2003), a festa acontece recheada de ‘aprendizagens’ vadias, des-formatadas, anônimas, viajantes e fluidas.

Segundo Itani (2003, p.8) “produzir a festa é também aprender” e esta afirmação, que não parte de um estudo empírico, pode ser complementada com a idéia de

---

<sup>1</sup> Criar um currículo vagamundo, para Silva e Corazza (2003), significa o questionar o modelo curricular vigente, as hierarquias, sem estabelecer ponto de partida ou chegada. Se movimentar em um outro espaço/tempo, inventando novos pensamentos, sem a reprodução ou execução de velhos pensamentos curriculares.

que *realizar a festa* é também aprender. Mesmo após o término da festa, sua lembrança e os acontecimentos por ela gerados, são fontes de aprendizagens. É certo que o acontecimento festivo serve para projetar e ensinar valores, comportamentos e atitudes. Porém, estas aprendizagens não partem apenas da escola, nas festas: elas são multifacetadas, vão e vêm em diversas direções. Nem sempre a escola se apropria delas pois parece subestimar a inter-relação entre o cotidiano e as festas, perdendo de vista o poder de transformação que a festa pode criar.

Para muitos participantes, a festa cria espaços de aprendizagens sociais, culturais, éticos e políticos. Uma mãe comenta que, através das festas, *“as crianças aprendem muita coisa, dá valor nas festas e no trabalho aqui do colégio”*. Aquilo que parece oculto – o trabalho despendido para a realização das festas – é valorizado pelos pais e eles reconhecem que as crianças também têm esta percepção. Há um significado especial que faz com que os trabalhos de produção para as festas ganhem um valor diferenciado em relação ao trabalho escolar cotidiano.

As festas e celebrações parecem, entretanto, não perder o sentido particular que as fundamenta – caso, por exemplo, da Celebração do Dia das Mães, Pais, Independência, etc. – mesmo quando os alunos agregam outros interesses a estes acontecimentos. Um aluno de 14 anos justificou assim a realização das festas: *“porque é uma cultura”*. Outro, da mesma idade e da mesma sala, disse que considerava a festa junina importante porque *“é um momento folclórico (...), é tipo uma festa em homenagem aos santos, nós não podemos nos esquecer disso”*. Estes alunos tinham um interesse específico nessa festa. Conforme um explicou, *“esta festa junina a gente faz também para arrecadar dinheiro pra nossa formatura”*. O outro reuniu o interesse com aprendizagem para a colaboração e vontade de participação: *“É importante porque incentiva os alunos a ajudar e como a gente está ajuntando dinheiro para a nossa formatura, a gente está participando assim”*.

As aprendizagens que as festas promovem são diferenciadas mas existe uma *“consciência comum”* que interliga as festas com o *bom*, a *beleza*, a *felicidade*, a *amizade*. Estes anseios são renovados e podem carregar para a rotina diária experiências de transformação e de sentidos vivificados sobre a escola, os colegas, a aprendizagem. Um aluno adolescente disse que a festa *“vai incentivando mais as pessoas, as pessoas vão gostando da escola, as crianças vão ser matriculadas mais aqui e vai ser mais importante para a escola”*.

Segundo este aluno, a festa não apenas intensifica a relação dos alunos com a escola, como também contribui para trazer mais alunos. Fazer amizades também é um aspecto que a festa promove. Além daquele pai, já citado anteriormente, que enfatizava o fato de poder conhecer outros pais e alunos, um outro pai comentou, durante uma festa, que *“muitas vezes aqui a gente tem a oportunidade de conhecer melhor o professor, como é que ele dá aula e saber a realidade dos nossos filhos na sala”*. Fica evidente que não se perde o vínculo entre a rotina de aulas e a festa; ao contrário, é na informalidade da festa que este pai entende poder aprender sobre o ensino que o professor promove.

As aprendizagens que se conectam e se multiplicam durante as festas têm, às vezes, sentidos carregados, profundos. Um exemplo disso é um aluno de onze anos que afirma que seria muito importante *“A educação dos que estão na festa pra conservar a escola assim”*. Essa idéia me leva ao próximo tema que destaco nesta análise. Antes, ressalto a força desta fala tão expressiva do desejo do aluno de que pontes mais transitáveis possam acontecer entre o cotidiano e as festas. *“Conservar a escola assim”* tem muitos sentidos: de permanência, de continuidade, da possibilidade de aprender a ser de outras maneiras além daquelas que a rotina impinge.

Apóio-me neste comentário do aluno para focar o tema que originou este estudo e me conduziu através deste processo. As imagens e visualidades produzidas e expostas nas festas escolares me levaram a realizar esta pesquisa. A partir deste foco, as festas foram ganhando significado e fui construindo e ampliando a discussão que apresento neste estudo.

#### **4.7. Visualidades que fazem as festas na escola... podem conservá-las assim?**

Quando ouço o aluno dizer: – *“A educação dos que estão na festa pra conservar a escola assim”* coloco-me diante dos muitos depoimentos que recolhi e que se referem a como a escola *“tenta mostrar uma cara bonita”*, *“arrumada”*, *“limpa”* quando há festa. As imagens e visualidades das festas escolares sintetizam os temas que desenvolvi anteriormente. Participação, vida coletiva, integração, comunicação, aprendizagens – e as contradições que estes temas instituem quando as festas acontecem, são temas que

encontram eco nas imagens, na visualidade que o ambiente escolar incorpora como cenário desse tipo de vivência coletivizada.

As visualidades criadas para as festas têm a função de deflagrar e demarcar os tempos e espaços dos eventos. Deflagram e demarcam na medida em que envolvem muitos alunos na confecção dos enfeites e posteriormente, na decoração da festa. Deflagram e demarcam também porque os espaços que recebem a decoração são os que se tornam ‘palcos’ das festas.

A movimentação começa muitos dias antes da festa. Alguns professores alteram completamente sua rotina de classe para confeccionar a ornamentação que será exposta na festa. Ao contrário do que sempre ouvia em relação às festas escolares, fica claro, com este estudo, que não são apenas os professores de arte que se integram neste processo.

Um professor observa este envolvimento dizendo que, durante os preparativos para as festas, *“você vê um professor de matemática, muitas vezes, trabalhando algo manual para poder fazer um enfeite que acaba saindo do eixo dele, não tem nada a ver com o conteúdo dele”*. Se, por um lado, professores de arte comumente reclamam desta responsabilidade que lhes é dada sobre a decoração das festas, às vezes entendem que eles deveriam ser os participantes principais nestes projetos justamente porque, sem a participação deles, abrem-se espaços que permitem o aparecimento de propostas inadequadas. O professor de arte da escola comenta que *“você entra na sala e vê o professor de geografia fazendo um trabalhinho manual, uma florzinha, uma coisinha que ele aprendeu, uma cestinha...”* O desagrado deste professor vai mais além. Ele conta, indignado: *“Eu chego a entrar aqui e o professor de (...) dando... Na páscoa ele deu coelhinho pro povo colorir! Eu fiquei assim: – Que professor que fez isso? – Ah, o professor de (...) – Que que é isso, uai..?”*

A participação de todos parece não ser o desejável quando se pensa em produzir a decoração da festa. Mas o sentido de coletividade, de trabalho conjunto, de cooperação parece suplantar estas considerações. O professor de arte pressupõe: – *“Apesar de eu ter pontuado pra caramba isso nas reuniões, a prática continua a mesma”*. A questão que ele retoma é sobre a obrigatoriedade de fazer, de participar. Ele questiona o fato de que esta preocupação com o visual, na maioria das vezes, fica centrada na realização das festas, condição que ele desaprova.

O desejo maior que reúne estas práticas e preparam a decoração das festas é salientado por vários professores e percebido por pais, alunos e funcionários. A intenção

que move estes participantes é a de vestir a escola com uma roupagem que a diferencia do cotidiano e que contamina as relações dos participantes no sentido de fazê-las incorporar uma suspensão da rotina, para configurar uma vivência diferente naquele espaço, naqueles momentos.

A visualidade deve, então, dirigir a perspectiva dos participantes e orientar seus olhares para um espaço bonito, organizado, alegre, colorido e integrado – espaço que muitas vezes a escola ignora ou despreza no seu dia-a-dia. A contradição mais contundente que a visualidade das festas instala é exatamente entre *o espaço bonito das festas e o espaço feio do cotidiano*. A preocupação centrada nas festas, como comentou o professor citado anteriormente, levanta várias questões. Para ele, o cuidado com o visual da escola “*Não é ainda uma ação do grupo, de querer mudar a cara da escola. Isso não acontece, porque no dia-a-dia cria-se um ambiente meio farsa e também nas datas festivas, querem dar uma cara, escondem mais ou menos o feio, mas é só naquele dia, o dia-a-dia fica em haver*”.

A visualidade criada para as festas produz um ambiente ‘*extraordinário*’ – bonito, limpo, alegre – e, ao mesmo tempo, revela o desgaste da visualidade cotidiana, desprovida deste sentido que as festas fazem experimentar e renovam. Nesses períodos, a ordem do cotidiano é alterada, e instala-se uma aparente desordem em termos das visualidades, acrescentam-se cartazes, painéis, faixas e varais, no espaço coletivo de convivência, fornecendo mais informações a respeito da celebração que irá acontecer. Entretanto ficam evidenciadas as carências físicas da escola, seu estado de descuido, de desamparo visual. Um professor de arte chama minha atenção: “*Você vê que na sala é tudo sujo, tudo bagunçado...*”

A diferença visual entre a escola em festa e a escola no cotidiano é tema que uma professora relata com detalhes. Ela começa analisando o estado das instalações físicas da escola: “*o prédio com as instalações são muito precárias (...) Então, por exemplo, ela não está limpa, por mais que você enfeite, por mais que você tente modelar a escola, fazer uma decoração, não apresenta, parece que fica tudo feio, tudo velho, tudo a mesma coisa, e não destaca nada que você faz de novo*”. O estado de precariedade do ambiente, conforme aponta a professora, é um obstáculo para o trabalho. A “*feiúra*” da escola, termo que um participante anotou, ajuda a desgastar a imagem do cotidiano e contribui para desestimular a participação dos professores no cuidado visual com o espaço escolar e com os preparativos para as festas.

Continuando o relato, a professora aponta uma contradição centrada no ambiente, exposta pela visualidade das festas e com repercussão na aprendizagem e na relação de professores e alunos. Diz: *“Eu acho que precisava que toda escola... começa pelo piso, mal acabado, todo arreventado, a parede suja... então dá impressão que você está exigindo da criança um asseio que o ambiente não colabora com ele, parece que você está falando uma coisa contraditória, que você não está falando a mesma linguagem da criança, ou você está formando valores e às vezes o lugar que você está não permite que estes valores sejam mais fortes na sua formação”*. Este tipo de reflexão ilustra o que venho expondo nesta análise: as visualidades das festas dialogam com a cotidianidade e renovam seus sentidos; abrem espaços para repensar o cotidiano escolar e mostram contradições que podem ajudar a elaborar maneiras alternativas de pensar a escola e sua visualidade.

As imagens são centrais nesta articulação entre cotidiano e tempo de festas. Na tentativa de fazer a escola ficar bonita, revela-se sua “feiúra”. Ao ser perguntada sobre como via a decoração da escola nos dias de festa, uma das mães respondeu: *“Não tenho nada que falar. Porque é uma escola pública, né? Sempre não tem muita verba pra poder estar gastando”*. Não é possível acrescentar esta discussão no âmbito deste trabalho mas a idéia de que não se pode reivindicar e exigir da coisa pública pode ser um estado de desânimo provocado pelo próprio descaso com que a escola é tratada.

A decoração das festas resulta, para muitos pais, numa indistinção de papéis de professores e alunos. A mãe de uma aluna me diz: *“Eu acho que [a decoração] foi feita pelos professores e pelos funcionários. Se foi feita alguma coisa por aluno foi pouca coisa. Acho que foram mesmo os professores que fizeram”*. Segundo o depoimento de um pai, alunos e professores colaboram nesta tarefa. Esta indeterminação da autoria dos enfeites da festa é outra condição que transparece em relação a estes eventos. No cotidiano, a maioria dos trabalhos dos alunos é disposta com o nome do aluno que fez.

Neste ponto a discussão merece voltar-se novamente para a relação entre o cotidiano e as festas. A padronização das imagens que a escola produz no cotidiano – chamada por alguns de “arte escolar” - é um tema que incomoda muitos professores de arte. Entretanto, o que fica visível nas festas, pela quantidade de desenhos e enfeites produzidos para estas ocasiões é: há um modelo, uma forma (coelho, balões, bandeirinhas), proposto pela escola. Este modelo é entregue aos alunos que colorem ou pintam de maneira distinta: nenhum é igual ao outro. Pode-se observar um a um cada coelho, ou cada balão, para citar dois exemplos, e ficam evidentes as diferenças. Em seguida, estes enfeites

são dispostos em lugares específicos, geralmente a partir da definição de professores, para decorar os ambientes da festa: neste momento retorna-se a um tipo de padronização. Coelhos são dispostos em varais, assim como flores e balões. Os cartazes também são uniformizados através das molduras: na tentativa de chamar atenção para o que está exposto, configuram os espaços visuais de maneira uniformizada.



#### Festa das Mães – parte da decoração

O diálogo entre uniformidade e diferença marca espaços, cartazes e painéis. Instala-se um jogo entre a produção individual (diversificada, diferenciada), a forma (pré-estabelecida e homogênea) e a disposição e forma como são expostos (uniformizada). Porém, para os alunos, participar da produção desta decoração representa oferecer sua parte de colaboração. Eles comentam, com orgulho, sobre suas contribuições. Um aluno me conta: *“eu ajudei a decorar, ajudei a montar as barracas, eu ajudei mais ou menos em tudo praticamente. Ajudei a fazer os papéis, ajudei a fazer bastante coisa”*. Eles avaliam o trabalho e se mostram satisfeitos, especialmente quando colaboram. Um deles disse: *“...está tudo bonito. Os trem (sic) que a gente fez, os desenhos foi (sic) um pouco difícil, mas a gente conseguiu”*.

Integrar-se aos preparativos da festa, poder fazer os enfeites são experiências que os alunos ressaltam sobre sua participação nestes eventos. Porém, produzir a decoração nem sempre deixa os alunos satisfeitos. Apesar do sucesso dos balões da Festa Junina que muitos alunos citam como o trabalho mais bonito, uma aluna diz o que fez e como viu sua participação: *“Aquelas luminárias que a gente fez lá na sala. Aquilo foi chato demais de fazer”*. Às vezes é a divisão de tarefas - procedimento que os professores citam como importante para criar o clima de integração para as festas - que incomoda os alunos. Um deles observou: *“foi difícil fazer os balões, só ficava eu pregando...”*



**Alunos confeccionando os balões**

O cuidado visual que a festa estimula atravessa o momento festivo e provoca uma reflexão sobre o cotidiano. O professor de arte faz um detalhado relato sobre esta relação, apontando para a existência de *“pessoas que as vezes não são da área, que têm um extremo cuidado visual”*. Prossegue exemplificando: *“Por exemplo aqui eu vou citar o ... que é um cara da área de matemática, da área de exatas, que tem um extremo cuidado com o visual da escola”*. Especificando este cuidado o professor continua: *“Ele está sempre organizando a mesa, mais bem arrumada possível, ele fica a noite fazendo arranjos pra colocar aqui, desenhos. É uma das coisas que mais me chama atenção nessa escola, um professor de matemática que tem um cuidado visual que poucos professores de arte tem”*.

Esta reflexão sublinha a necessidade de expandir a concepção de educação visual para, primeiro, não se restringir à sala de aula e à responsabilidade do professor de arte; segundo, motivar, estimular e experimentar novas visualidades para a escola criando pontes entre o extraordinário e o cotidiano. Estes seriam os primeiros passos para repensar e reconstruir visualidades para o cotidiano escolar e para as Festas e Celebrações que acontecem neste espaço.

#### **4.8. Reflexões dos alunos sobre as festas: idéias da discussão em grupos focais**

Os grupos focais foram realizados em três etapas distintas sendo que as duas primeiras com oito alunos e a última com seis. A divisão dos grupos que participaram de cada etapa foi feita pelos professores que estavam na sala nos horários agendados para a discussão. Os alunos eram da sala G3, sexta série, escolhida por mim para observação contínua. Relembrando a abordagem utilizada durante a coleta de dados, minhas visitas à escola incluíam, paralelamente à observação das festas, a observação sistemática numa sala de aula. O objetivo, como já foi exposto, era acompanhar os preparativos, ouvir os comentários sobre as festas e conviver com as possíveis alterações que as festas inseriam no cotidiano. Foi com os alunos desta sala que realizei os grupos focais.

Nos encontros dos grupos, os alunos foram convidados a refletir sobre as festas, sobre tópicos específicos (decoração, programação, participação) e, principalmente, a discutir estes temas. Através desses encontros surgiram muitos temas de interesse para este estudo. Por exemplo, quando discutíamos as transformações do ambiente escolar durante as festas, a idéia comum era, como salientou uma aluna: *“a escola fica mais bonita, mais decorada, as coisas são mais gostosas, a limpeza fica uma maravilha, todo mundo vem mais chique, mais arrumado”*. Retoma-se aqui, com intensidade, o prazer que as festas podem gerar – um prazer conectado com o visual do ambiente, das coisas, das pessoas. Os alunos percebem que há uma disposição positiva da escola para a realização

das Festas e Celebrações. Muitos temas levantados durante os grupos focais reforçam os sentidos que discuti nas páginas anteriores desse trabalho.

Vou me centrar, nesta parte, num dos tópicos trabalhados com os grupos e que considero mais relevante para a discussão que esta pesquisa propõe: como os alunos imaginam que as festas deveriam ser e que festas eles fariam. É a partir das falas dos alunos sobre este tópico que desenvolvo o restante desta análise.

A discussão deste tópico partiu de uma provocação minha no sentido de que eles pensassem como deveriam ser as festas na sua escola. Com isso pretendia buscar as idéias críticas que eles elaboravam sobre as festas para com elas repensar e reelaborar minhas próprias idéias. Como professora de arte, vivi situações de ter um planejamento interrompido em razão de preparativos para festas, de ser convocada para decorar o pátio ou a sala onde alguma celebração aconteceria e de ter de fazer trabalhos (e tempo) extras para ajudar na realização destes eventos. Não tinha, em relação às festas escolares, grande apreço. Estudar as festas é uma maneira de criar outra perspectiva para avaliá-las e os alunos tornaram-se meus companheiros nesta transformação de visão.

As respostas mais frequentes sobre como as festas deveriam ser levantaram a necessidade de um espaço específico para a festa na escola, a importância da música durante sua realização e a presença da decoração. Estes três temas – espaço, som, decoração - formam uma tríade de desejos recorrente em todos os grupos. Há detalhes sobre cada elemento desta tríade, criando uma trança de minúcias sobre a festa que me impressionou de maneira contundente. Ia me dando conta, aos poucos e cada vez mais, da importância da festa para os alunos. Um exemplo, ouvido de uma aluna, detalha questões de espaço, de som e da organização da festa em relação à comida: *“deveriam colocar vários tipos de música, (...) ter um espaço só pra festa e enfeitar mais este lugar... não distribuir o lanche em primeiro lugar.”*

A insatisfação em relação ao espaço físico da escola é aspecto que ressurge com frequência nas falas dos alunos, condição que reflete a mesma encontrada na fala dos professores e pais, conforme discuto antes. Não é sem razão que a expectativa pela construção de uma nova escola tem mobilizado tanto a comunidade escolar, exemplo disso sendo o convite ao vereador, já mencionado, para falar na festa das mães. Dentre as reivindicações sobre este possível novo espaço, há o de uma quadra de esporte e de um salão, local onde se poderia realizar as celebrações.

Um aluno compara a escola que estudava antes com esta, chamando atenção para a inadequação deste espaço e propondo como deveria ser sua festa: *“Tinha que ter um pouco mais de enfeites, pensar num salão de festa mesmo, porque onde eu estudava havia um salão, aí quando tinha festa enfeitavam tudo lá, tocava música, todo mundo ficava lá”*. Apesar de muitos alunos falarem dos ‘enfeites’ para e da festa, não há detalhamento sobre esta questão. Não especificam quais nem como seriam, aparecendo apenas referências à utilização de luzes especiais. Numa circunstância insisti sobre este tema e uma aluna respondeu, quase com desdém: *“eu não me preocuparia muito com a decoração, isso é coisa de criança”*. Para estes adolescentes a música é o elemento referencial de maior importância. É uma coisa concreta: tem festa, há que ter música.

As considerações a respeito da decoração, da música e, além dessas, da comida, se repetem nas duas sessões seguintes dos grupos focais. Porém, nestes dois grupos foquei o tema da organização das festas para estimular a discussão – como eles fariam e quais elementos seriam importantes nestas festas. Todos os quatorze alunos participantes discutiram este tema a partir de festas imaginadas. Deste total nove fariam festas para os alunos. Destas, quatro seriam para comemorar aniversários e as outras cinco não teriam temáticas específicas. Fica claro o desejo de celebrar o próprio indivíduo, o sujeito (aluno), porém, através de uma celebração coletiva.

É importante ressaltar que logo que iniciei as observações na escola duas festas de aniversário foram comemoradas. O painel localizado na entrada da escola trazia os nomes dos aniversariantes do mês escritos em balões coloridos e a celebração acontecia de forma simples, apenas cantando *“Parabéns a você”* e em seguida distribuindo a comida. Entretanto, no grupo focal, esta festa foi citada como uma das mais importantes, fato que fortalece minha avaliação sobre o desejo de celebrar a pessoa no coletivo da escola. Um aluno dá ainda mais força a esta observação ao dizer que *“a festa dos aniversariantes é a única feita pensando nos alunos, as outras comemorações eles fazem para impressionar os pais, pra mostrar que a escola é boa”*.



**Painel da Festa de Aniversário dos alunos**

Para estes alunos, a realização das festas deveria alterar, ainda que temporariamente, o papel da instituição: ao invés de ensino-aprendizagem, papel característico da escola, as festas deveriam servir para promover uma maior aproximação entre os alunos. Exemplificando este ponto uma aluna ressalta que a festa na escola seria *“para os alunos terem mais distração, não ficar só estudando mas divertindo também”* e outra complementa *“é para os alunos irem se descontraindo, liberando e tendo comunhão com as outras turmas, às vezes aqui a gente fica só aprendendo, seria pra ter um lazer agradável”*.

Uma festa para as mães foi a escolha de outra aluna. De acordo com ela, esta festa contaria apenas com a presença das mães: *“eu iria chamar todas as mães e faria uma festa só pra elas, com comidas, bebidas e as músicas que elas gostassem”*. Exatamente como aconteceu nesta escola, na festa desta aluna, os alunos não seriam convidados. Perguntei para ela porque excluiria os alunos e ela completou dizendo que eles não respeitam uns aos outros quando tem festa na escola. Outros concordaram com ela acrescentando comentários sobre a desordem que se instala nas festas, com *“o povo empurrando, gritando”* ou ainda com *“os professores brigando com os alunos, a maior anarquia.”* O mau comportamento dos alunos incomoda a eles próprios e foi motivo de

queixa em outros momentos dos grupos focais. Entretanto, não informaram como lidariam com este fato.

Um Baile da Primavera foi a festa imaginada por uma aluna. É nesta festa que a visualidade ganha maiores detalhes. Ela diz “*minha decoração seria muitas flores, coisas verdes, flores coloridas, uma mesa de frutas (...) Eu usaria a escola inteira, cada sala teria uma decoração diferente de acordo com a dança e na porta um professor controlando a entrada de pessoas*”. Esta observação parece sugerir uma maneira de lidar com a desordem que os incomoda – colocar um professor na porta de cada sala. Por outro lado, separar a festa em diferentes salas pode distanciar o evento do espírito de aproximação e conagração entre alunos, motivo maior que eles sugerem para a realização das festas. Outro aluno disse que faria uma Festa de Fim de Ano com a decoração feita pelos alunos, com show musical, comidas e bebidas. Mais uma vez, a visualidade e a música, junto com a comida são os elementos importantes na realização das festas.

A música e a comida, tópicos que não são objetos desta pesquisa, aparecem em onze das treze festas imaginadas. Vale comentar que na realização dos grupos focais, tanto na discussão sobre as festas que a escola realizou como sobre as festas imaginadas pelos alunos, a presença da música e da dança desencadeia conflitos de natureza religiosa, o que não aconteceu com relação às visualidades. A decoração das festas não é problematizada, mas a dança e a música provocam comentários como, por exemplo, o de uma aluna que disse que na sua festa “*deveria ser assim, fechar uma sala, colocar luzes, deixar tudo preto, deixar a porta aberta, o som lá dentro e uma pessoa lá olhando. E colocasse um outro ambiente assim com banco pra sentar, conversar, porque muitas pessoas são crentes e devia respeitar (sic)*”. As luzes, a sala fechada e uma pessoa olhando. Seria este tipo de controle direto e ostensivo a maneira que os alunos encontram para lidar com a insegurança da “desordem” que as festas geram? Segundo esta aluna, os crentes devem ter um espaço diferente pois fazem coisas diferentes. O respeito, neste caso, significa separá-los reservando um espaço especial para eles.

Um último exemplo de festa imaginada é o de uma aluna que faria uma comemoração para a Proclamação da República. Ela se coloca dizendo: “*Neste dia eu faria um teatro para os alunos, na decoração eu colocaria coisas diferentes, faria origami, luzes. Claro que respeitando a religião de cada um (?), daria palestras falando sobre a Proclamação*”. Essa idéia de festa combina ações que geralmente são vinculadas ao

divertimento com outras em que a aprendizagem parece estar mais evidente. Luzes e teatro, por um lado, e palestras, por outro. Mais que fazer estes tipos de distinções, a sugestão da aluna demonstra que a idéia de festa acolhe diferentes possibilidades de ação na escola e abre espaço para integrar diversos tipos de gostos e perspectivas.

Apenas um dos alunos participantes se manifestou dizendo que não faria festa alguma “*porque estraga demais os alunos*”. Surpreendida por este comentário, pergunto então se ele fosse responsável pelas festas da sua escola... Ele não espera que eu acabe, interrompe e diz: “*ela não teria festas, nem um dia*”. Agora era eu que imaginava tal situação: será que existe esta escola onde não há festas, nem um dia?

Das reflexões destes alunos e nas festas que imaginam surgem muitas indagações. Crucial para esta investigação é o tema das visualidades apresentadas nas festas e celebrações na escola. Ao mesmo tempo em que ressaltam a necessidade das festas serem mais “enfeitadas”, a decoração não aparece num primeiro plano. A música e a comida têm mais importância. Nenhum dos alunos participantes foi explícito sobre a necessidade ou relevância da visualidade da festa porém também não houve aluno que ignorasse esse elemento como parte significativa dos eventos – exceção guardada para o aluno que descartava por completo a realização de qualquer festa. O tempo e a energia dispensados para a elaboração e execução das visualidades ficaria, neste sentido, como tempo mal aproveitado, inútil, desperdiçado.

#### **4.9. Depois da Festa...**

As visualidades estão sempre presente, em menor ou maior grau, nas festas e celebrações que a escola promove. No entanto, para os alunos, elas não constituem elemento de grande importância, podendo ser até mesmo inexistentes. Depois da festa, na maioria dos casos, estas visualidades permanecem no ambiente/espaço escolar e a *vida* da escola vai voltando a sua *normalidade*, ao seu cotidiano.

No período de campo observei que muitos cartazes e painéis permaneciam nas paredes até uma nova data comemorativa. Houve momentos em que toda decoração da

festa permaneceu em seus locais por mais de uma semana, como após a Festa da Páscoa e a Festa das Mães. Quando estas visualidades permaneciam em seus locais depois da festa, elas eram destruídas aos poucos, pelos próprios alunos. Em alguns casos, era o aluno que pegava o trabalho que ele havia feito e levava, em outros momentos, a título de “brincadeira”, uns destruíam o trabalho de outros. Esta ‘mutilação’ nos elementos visuais das celebrações e festas, acarretava um aspecto visual ruim, de abandono ou mesmo de desleixo, nos corredores da escola. Como se as visualidades, que antes foram importantes para deflagrar e demarcar as comemorações, agora estivessem ultrapassadas e como tal não merecessem ser preservadas.



**Imagem dos painéis semi-destruídos**

Em outras ocasiões o ‘pós-festa’ adquiria outra particularidade, como na Festa Junina. Assim que esta comemoração terminou, toda comunidade escolar se uniu para desmanchar a festa. Este desmanche consistia, basicamente, na retirada dos enfeites de papel e da palha ao redor da tela da escola, no desmonte das barracas e no recolhimento

de mesas, cadeiras e carteiras. Tudo aconteceu muito rápido, sem nenhum cuidado com o material. A decoração foi sendo retirada e acondicionada em grandes sacos de lixo, nada foi aproveitado. Observei uma única exceção, a estrutura dos balões iluminados, que dias depois encontrei guardada num canto do almoxarifado.



**Imagem dos balões estragados**

Uma aluna chamou atenção ao fato descrito acima, em seu depoimento: *“Eles (professores/administração escolar) poderiam também aproveitar material de outras festas, mas não, eles fazem a festa e depois jogam tudo fora e aí a nova festa sai cara”*. Esta mesma aluna, no entanto, justifica essa ação da escola complementando: *“Mas também eu sei que eles jogam fora porque aqui não tem espaço para guarda”*.

Esta é outra contradição que percebo na fala dos alunos, pois em alguns momentos eles são reivindicadores de novidades visuais nas festas, como por exemplo, quando um aluno diz que: *“na decoração eu colocaria umas coisas diferentes (...)”*. Em outros, têm consciência da necessidade de se preservar o material utilizado na decoração, nem que esse motivo seja apenas econômico, *“coisas diferentes”*, pressupõem investimento material. Os alunos percebem as dificuldades de realização das festas, sejam elas na confecção de materiais, de pessoal ou econômica.

As Festas e Celebrações, na escola, desencadeiam emoções antes, durante e depois de realizadas. São planejadas, construídas, sentidas, re-vividas e por fim, lembradas,

mesmo que indiretamente, por meio do rastro de visualidades que lhes escapam e ficam pelo caminho, adentrando o cotidiano.

## **Capítulo 5**

### **5.1. Palavras finais: reflexões e encruzilhadas**

Inúmeras festas e celebrações aconteceram na escola durante o período do trabalho de campo. Algumas foram restritas a uma ou outra sala de aula e tinham um caráter pedagógico, com ênfase em temas de ensino e aprendizagem de alguma data comemorativa considerada relevante pelo professor, como o Dia do Índio, por exemplo. Outras se voltavam para circunstâncias específicas de um determinado grupo ou sala, para relações entre alunos e professor como, por exemplo, a despedida de uma professora que estava deixando a escola.

Algumas festas saíam da sala de aula e ocupavam parte da escola, como o pátio interno, caso da Festa da Páscoa. Houve comemorações que aconteceram na escola, porém num horário diferenciado do período regular de aulas e com a presença dos professores, funcionários administrativos e convidados, sem a participação dos alunos, como as Festas das Mães e dos Pais. A festa que envolveu toda a comunidade escolar e todo o espaço físico da escola, ganhando a rua, foi a Festa Junina.

Sobre as quatro festas selecionadas é possível ainda estabelecer algumas distinções quanto as suas características e origens. Duas são pautadas pela importância do núcleo familiar: a Festa das Mães e a Festa dos Pais. As outras duas têm influências da

tradição judaico-cristã, e das festas pagãs do hemisfério norte europeu: a Festa da Páscoa, cujas raízes estão nas festas da Primavera no início da idade média, e a Festa Junina, herança das festas pagãs do solstício de verão, que “foram apropriadas pela Igreja católica e deslocadas para as datas de comemoração de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro” (Itani, 2003, p. 69).

Segundo argumenta um professor, a realização de festas e celebrações na escola é importante porque “*a comunidade vive esses momentos e a escola tem que celebrá-los.*” Uma das maneiras mais contundentes que a instituição escolar utiliza para estabelecer um diálogo com a comunidade é através da realização das festas.

Para os alunos, os “*enfeites*”, a comida e o som, se combinam nas festas para promover um encontro prazeroso com o outro, o colega, seu par, e ainda oportunizam o encontro com os diferentes, os que pertencem a outros níveis da hierarquia da instituição escolar – professores e funcionários. Além disso, as festas são responsáveis pela interação da escola com a comunidade. Dessa maneira, estabelecem espaços para exercício de alteridade.

As imagens (decorativas) e a comida são os dois elementos comuns e mais evidentes nas quatro principais festas que a escola celebrou: Páscoa, Dia das Mães, Junina e Dia dos Pais. As imagens, nos casos da Páscoa e da Festa Junina, delimitam a temática, o espaço da festa e servem para estimular as disposições da comunidade escolar para a participação, trocas, aproximações.

Apesar da ocupação espacial diferenciada e de algumas distinções apresentadas anteriormente, alguns aspectos estão presentes em todas as Festas e Celebrações que aconteceram na escola. Destaquei a experiência de participação e coletivização que a festa promove. Através desta experiência outros componentes vão se agregando. Aparece por exemplo, o caráter multivalente das festividades: espaço para a comunicação entre todos os participantes, indistintamente; momento para ‘aprendizagens’ sociais, culturais; interações diferenciadas possíveis de acontecer antes, durante e depois da realização das Festas e Celebrações.

Os festejos na escola permitem que o sentido de unidade, ainda que passageiro, se reflita na comunidade e para todos os participantes. Valores, costumes, crenças e símbolos são compartilhados. Desejos são reunidos em torno da instituição, de seus membros e suas funções.

É possível também destacar que a roupagem das comemorações é marcada por identidades visuais que indicam a natureza das festas: a simbologia, os elementos, as cores, as dinâmicas visuais - são dimensões específicas da visualidade de cada festa. As imagens também funcionam para mobilizar afetos, que direcionam suas energias para a escola como um espaço que não é apenas rotina mas também congraçamento, brincadeiras, flexibilização de tempos, ambientes e relações.

As imagens ressaltam uma preocupação com a mudança visual do ambiente mas, ao mesmo tempo, conformam estes ambientes através da padronização das imagens que os enfeita, especificamente sua forma e disposição. Elas 'embelezam', ao mesmo tempo que ressaltam o feio, o sujo, o estragado. Ao mesmo tempo em que vivificam os espaços, salientam sua precariedade.

As imagens são também ambivalentes em termos de suas funções. Ampliam a movimentação dos sujeitos na escola, na medida em que a decoração invade a rua e os pátios, mas definem as ações que os "espaços decorados" devem receber, criando locais determinados como palcos para os acontecimentos programados. As Festas e Celebrações criam sentidos e movimentam emoções de toda comunidade escolar. São esperadas e imaginadas pelos alunos como tempo de diversão, socialização e comunicação.

Tenho a "intuição" de que não há um fim próximo para as festas e celebrações na escola. Imaginei uma escola sem festas, por sugestão de um aluno, mas não consigo manter esta imagem na mente. Não vejo esta escola sem festas como um lugar possível. Também não me parece que as festas devam ser eliminadas. Entendo que outros estudos devem ser feitos e outras abordagens devem ser experimentadas no sentido de perseguir formas de compreender os significados destes eventos, sua inserção na vida escolarizada dos indivíduos e, principalmente, a relação que podem criar entre eles e a visualidade que incorporam.

Tendo iniciado esta caminhada me vejo em condições de retomar certas encruzilhadas. Uma delas se refere à minha visão sobre as festas escolares. De alguma maneira, durante minha formação e vida profissional, desprezei a importância e o impacto das festas para os alunos e para a relação entre a escola e a sociedade. Agora percebo sua importância, como veículo de comunicação da instituição com a comunidade externa e ao mesmo tempo de socialização dos membros de sua comunidade interna.

Outra encruzilhada, diz respeito ao que as festas podem ensinar. Currículo dançarino, gangue, embaralhado (Tadeu e Corazza, 2003), as festas mobilizam as ações e expectativas de professores e alunos, e como tal, ensinam a experiência da convivência. A encruzilhada fundamental é pensar sobre a visualidade nestes contextos. Participar planejando, escolhendo, fazendo, organizando, definindo, expondo... assim podem ser criadas visualidades que façam e conservem a escola bonita, como todos querem.

Este estudo não foi exaustivo. As Festas e Celebrações na escola, com suas múltiplas vozes e seus enredamentos ainda têm muito a nos ensinar e a dizer dos seus sujeitos participantes. Terminei com uma aluna que disse: *“Quando tem as festas, a escola fica mais bonita, mais decorada, tudo fica mais limpo, as coisas são mais gostosas, os alunos vêm até mais motivados. Fica bem mais legal quando é festa do que no dia-a-dia”*. Junto com ela celebro a importância dos festejos escolares.

## Referências bibliográficas

ALVES, Nilda e SGARBI, Paulo. (Orgs.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar*. In: OLIVEIRA, I. e ALVES, N. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&S, 2002, 2ª edição.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A. *Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como Programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GASKELL, G. *Entrevistas individuais e de grupos*. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, 64-89.

GARCIA, Regina Leite. (Org.) *Método: Pesquisa com o Cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ITANI, Alice. *Festas e Calendários*. São Paulo: Unesp, 2003.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

MARTINS, Alice F. *Desenho reproduzido e a Formação do Professor de séries iniciais do ensino fundamental* [online] Disponível na internet via WWW URL: [http://www.educacaoonline.pro.br/desenho\\_reproduzido.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/desenho_reproduzido.asp) Acesso em 27/02/2005

MIRZOEFF, N. *What a Visual Culture? An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES, Nilda.(Orgs.) *Pesquisa no/do Cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2<sup>o</sup> edição.

ROSA, Maria Cristina (Org.) *Festa, lazer e cultura*. Campinas, SP: Papiros, 2002.

SGARBI, Paulo. *Colando Textos, colando imagens*.In: ALVES, Nilda e SGARBI, Paulo. (Orgs.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 129.

STURKEN, M. e CARTWRIGHT, L. *Practices of Looking: An Introduction to Visual Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

WOLCOTT, Harry F. "Posturing in qualitative research". in *The handbook of qualitative research in education*. Academic Press, INC. San Diego, California, p. 3 - 51, 1991.